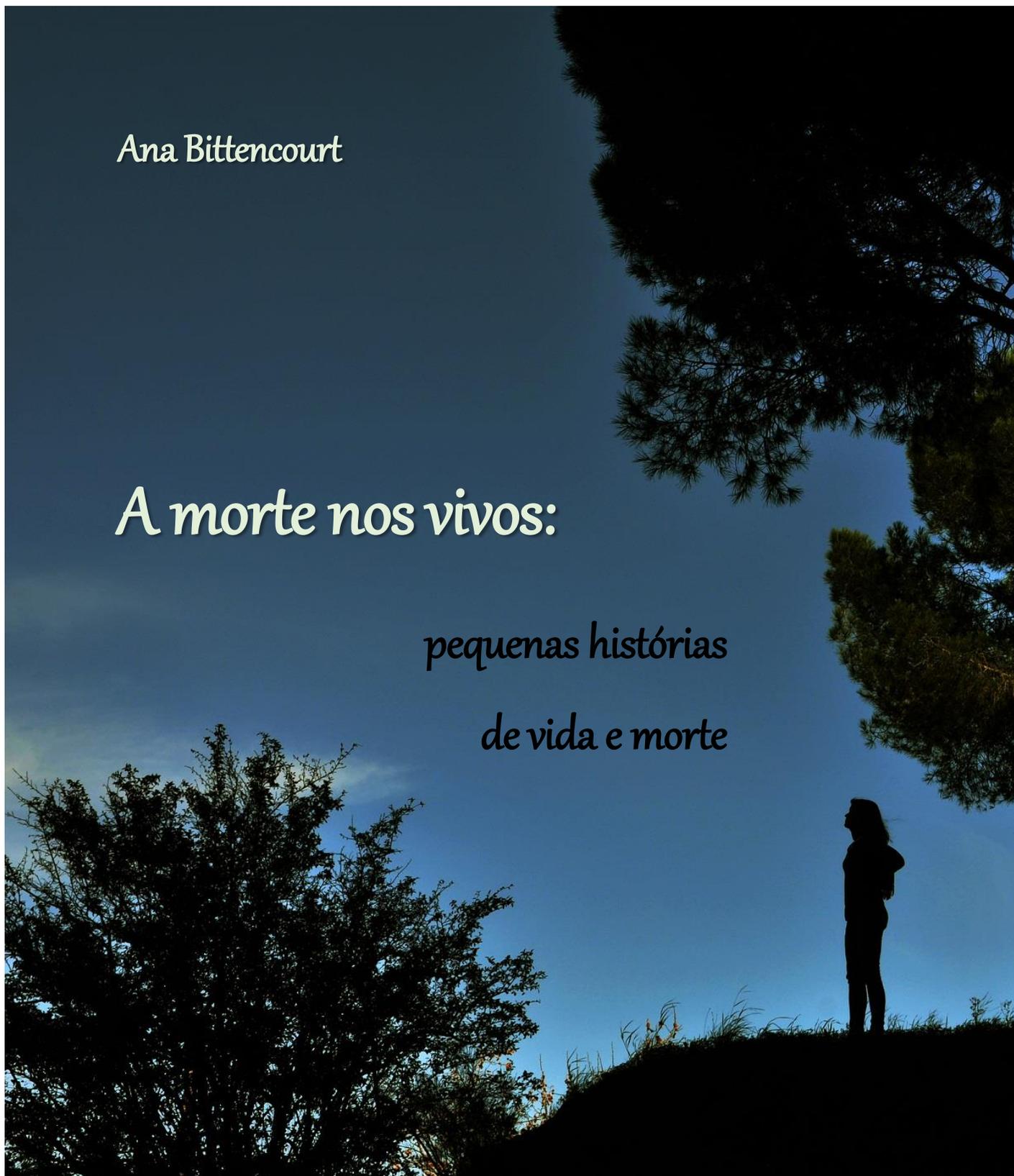


Ana Bittencourt

A morte nos vivos:

pequenas histórias

de vida e morte





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA
E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**



ANA CAROLINE SANTOS BITTENCOURT

**A MORTE NOS VIVOS:
PEQUENAS HISTÓRIAS DE VIDA E MORTE**

Salvador
2021

ANA CAROLINE SANTOS BITTENCOURT

**A MORTE NOS VIVOS:
PEQUENAS HISTÓRIAS DE VIDA E MORTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Mattedi Dias

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Rosiléia Oliveira de Almeida

Salvador
2021

Bittencourt, Ana Caroline Santos.

A morte nos vivos: pequenas histórias de vida e morte / Ana Caroline Santos Bittencourt. - 2021.

131 f.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Mattedi Dias.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Rosiléia Oliveira de Almeida.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2021.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

1. Ensino de ciências. 2. Estudantes do ensino fundamental. 3. Educação para a morte. 4. Morte. 5. Vida. 6. Experiência. I. Dias, André Luís Mattedi. II. Almeida, Rosiléia Oliveira de. III. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana. V. Título.



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC), realizada em 07/12/2021 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS no. 29/21, área de concentração Educação Científica e Formação de Professores, do(a) candidato(a) ANA CAROLINE SANTOS BITTENCOURT, de matrícula 216121837, intitulada A morte nos vivos: pequenas histórias de vida e morte. Às 14:00 do citado dia, <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/andre-luis-mattedi-dias>, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. ANDRE LUIS MATTEDI DIAS que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. JONEI CERQUEIRA BARBOSA, Prof. MARCO ANTÔNIO LEANDRO BARZANO, Profª. Dra. SUELY AIRES PONTES, Profª. Dra. MARIA JÚLIA KOVACS e Prof. Dr. JOÃO LUÍS ANZANELLO CARRASCOZA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dr. JOÃO LUÍS ANZANELLO CARRASCOZA,
USP
Examinador Externo à Instituição

MARCO ANTÔNIO LEANDRO BARZANO,
UEFS
Examinador Interno

Dra. MARIA JÚLIA KOVACS, USP
Examinadora Externa à Instituição

Dr. ANDRE LUIS MATTEDI DIAS, UFBA
Presidente

Dra. SUELY AIRES PONTES, UFBA
Examinadora Externa ao Programa

ANA CAROLINE SANTOS BITTENCOURT
Doutoranda

Dr. JONEI CERQUEIRA BARBOSA, UFBA
Examinador Interno

“E pedimos ao amor (...) que nos dê
um pedaço de vida verdadeira,
de morte verdadeira.
Não lhe pedimos a felicidade, nem o repouso,
mas sim um instante, apenas um instante,
e vida plena, em que os contrários se fundam,
e vida e morte, tempo e eternidade,
compactuem”.
(Octavio Paz)

Para Marcos Cesário,
por compartilhar comigo, todos os dias,
a Vida, o Amor e a Morte...

Agradecimentos

Já tenho tempo suficiente de vida, vivida, para entender que todo caminho percorrido vem de olhares, gestos e afetos. Para a concretização deste projeto, dediquei, até aqui, alguns anos e noites de minha vida e, nesse percurso, algumas pessoas me ajudaram a ver, e me rever, em minha busca e em minha reinterpretação da vida e deste lado vital da vida: a morte.

Quando eu era pequena, costumava ouvir nas igrejas uma parábola intitulada *Pegadas na areia*. Não sou mais aquela menina e não frequento mais igrejas, mas – em cada estrada que percorro – continuo olhando para trás e vendo apenas *um par de pegadas na areia*, vejo um Deus me levando em seus braços, um Deus que não preciso nomear, nem tentar explicar... apenas sinto seu amor, sua proteção e agradeço...

Dora, minha mãe, obrigada por cada gesto de amor e cuidado, por cada preocupação exagerada e carinhosa, por toda sua ternura, que tanta falta me faz... “Quero que saibas que me lembro/ Queria até que pudesses me ver/ És parte ainda do que me faz forte/ Pra ser honesto/ Só um pouquinho infeliz/ Mas tudo bem/ Tudo bem...”.

Marcos Cesário, obrigada por ser meu Amor, meu confidente, meu irmão mais velho e, tantas vezes, minha mãe. Amo você e agradeço, todos os dias, por tudo que eu sou quando estou ao seu lado... E obrigada, também, por ter sido o primeiro a conversar comigo, com afeto e lucidez, sobre a vida e a morte.

Marcelo e Aládia, meus filhos, obrigada por todo o amor e felicidade que a chegada de vocês trouxe para os meus dias, para a minha vida. Vocês são a melhor parte de mim...

Pedro Sá, meu irmão, obrigada por escutar e cuidar, com ternura, das minhas ansiedades, medos, alegrias, frustrações, tantas vezes compartilhadas entre silêncios e palavras.

André Mattedi [meu orientador], obrigada por sua generosidade em cada observação, por sua capacidade, rara, de me deixar seguir meu caminho e, com sinceridade e atenção, ter acenado, apoiado, cada decisão arriscada que as palavras iam me indicando.

Rosi [minha coorientadora], obrigada pela forma, sempre atenta e gentil, com a qual tratou cada dúvida e cada certeza que compartilhei com você. Obrigada por cada cuidado, discreto e sincero, que sempre teve comigo, desde o momento que nos conhecemos.

Agradeço à equipe gestora e pedagógica do Colégio Clariezer Vicente dos Anjos e da Escola Municipal Abigail Feitosa, por terem possibilitado o meu diálogo com estudantes do Ensino Fundamental. E agradeço, também, a cada um dos meninos e meninas que compartilharam comigo um pouco de suas experiências – sentidas, vividas, imaginadas – sobre a vida e a morte.

Jonei, obrigada pela revelação de uma técnica que me disse que eu poderia escrever do meu jeito, sem precisar recorrer às palavras que saiam do mundo onde me sinto acompanhada e confortável – a literatura. Obrigada por aceitar o convite para participar da banca de defesa e, não menos importante, obrigada por ter me convidado à insubordinação!

Maria Júlia Kovács, obrigada pelo modo gentil e atencioso através do qual aceitou o convite para compor a banca e, principalmente, por ter despertado em mim, através dos seus textos, a ideia de uma possível Educação para a morte.

João Carrascoza, obrigada por sua atenção e generosidade ao aceitar participar da banca de defesa. Estou certa de que você, como escritor e, principalmente, como leitor, ajudará a ampliar o meu olhar...

Marco Barzano e Sueli Aires, apesar de não os conhecer, até esse momento, agradeço pela gentileza com a qual aceitaram participar da banca. O olhar de vocês me ajudará a olhar e a reinterpretar, por outros caminhos, a vida e a morte.

Agradeço a cada umas das minhas amigas pelas palavras, olhares e gestos de apoio, incentivo e carinho. Em especial, à minha querida Dai, por todas as vezes que, ao sair das aulas, você me oferecia abrigo em sua casa e em seu coração. Viajar, toda semana, na certeza do seu cuidado, aliviava o cansaço dos dias sempre tão corridos e atarefados. Mara, muito obrigada por todas as vezes que precisei de você e sempre pude contar com seu auxílio e delicadeza. E, nesses últimos meses, eu não poderia deixar de agradecer a Juliana e a Raquel por terem, tantas vezes, com afeto e cumplicidade, dividido parte do seu tempo comigo, para que eu tivesse mais tempo para escrever.

Agradeço a Leonardo Santos por ter ilustrado algumas das pequenas histórias de vida e morte aqui reunidas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC) – professores, colegas de turma e demais colaboradores: agradeço por toda contribuição e auxílio no desenvolvimento deste projeto.

Agradeço à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela bolsa de estudos concedida para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano por ter me concedido, na etapa final deste percurso, o afastamento das minhas atividades docentes para a conclusão do Doutorado.

Agradeço a todos os vivos que compartilharam comigo histórias de morte. E agradeço, também, aos mortos que permanecem vivos em minha memória.

Mãe...



Hoje, enquanto eu arrumava meu quarto escutando algumas canções, Caetano me fez lembrar os caracóis dos teus cabelos...

Lembrei daquelas noites em que você se arrumava para sair e eu, querendo ir com você, corria e me escondia dentro dos caracóis dos teus cabelos...

Lembrei de quando, ao me colocar para dormir, você beijava meu rosto e me cobria com os caracóis dos teus cabelos...

Lembrei de todas as vezes que você chegava tarde do trabalho, cansada, e era eu que descansava entre os caracóis dos teus cabelos...

Lembrei de quando eu ficava doente e você me balançava, nos caracóis dos teus cabelos, pra que eu pudesse dormir...

Lembrei dos dias em que eu acordava com preguiça de ir pra escola e, fazendo manha dentro dos caracóis dos teus cabelos, você me deixava ficar...

Lembrei de quando eu ficava triste e você, brincando com os caracóis dos teus cabelos, me fazia sorrir...

Mãe, hoje eu lembrei da saudade que sinto, todos os dias, dos caracóis dos teus cabelos e veio “um soluço e a vontade de ficar mais um instante...”. Mas eu, também, preciso te dizer que, às vezes, eu fecho os olhos e consigo “ver você chegando num sorriso”, então corro e me escondo, de novo, debaixo dos caracóis dos teus cabelos...

* Nota inspirada na canção “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, composição de Roberto Carlos, em parceria com Erasmo Carlos, gravada em 1991 por Caetano Veloso.

*Ilustração de Pedro Manaças.

RESUMO

Por que evitamos pensar em nossa própria morte e na morte de quem amamos? Por que a morte nos causa tanto pavor? Por que fingimos que a morte está morta? Quando estas perguntas passaram a fazer parte das minhas reflexões íntimas e cotidianas, este trabalho começou a viver. Na busca por possíveis respostas, fui encontrando outras perguntas: Por que eu, professora de duas disciplinas [Ciências e Biologia] dedicadas ao estudo da vida e das várias formas como ela se apresenta, não discutia, em minhas aulas, aspectos relacionados à morte humana? Como falar sobre a morte em sala de aula? É possível uma Educação para a Morte? Os textos que compõem esta tese refletem as incertezas e possibilidades que atravessam estas perguntas: 1. No texto de abertura – A morte está morta? – é possível encontrar a fundamentação teórico-metodológica que norteou o desenvolvimento desta pesquisa; 2. A Parte I – Revivendo a vida na morte – retrata algumas das minhas experiências íntimas relacionadas à morte e ao processo de morrer e, talvez, a leitura destas histórias possam ajudar na compreensão de como cheguei até aqui; 3. A Parte II – Revivendo a morte na vida dos outros – pode ser lida como o resultado do meu trabalho de campo, que buscou responder à seguinte questão: Quais os significados que estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) atribuem à morte e ao processo de morrer? Em busca desses significados, observei, escutei e li um conjunto de relatos de experiências vividas e compartilhadas pelos meninos e meninas que participaram deste estudo. A análise/interpretação desses relatos será apresentada através de pequenas histórias de vivos e histórias vivas de mortos; 4. Por fim, cada leitor ainda poderá debruçar-se sobre um breve posfácio ou transitórias considerações finais. Espero que esse conjunto de textos possa abrir espaço, em alguma consciência, para diálogos íntimos sobre a morte e, quem sabe, conversando e meditando sobre a morte, possamos ouvir melhor as inquietações das nossas próprias vidas. Todas as histórias, aqui reunidas, são histórias vividas, sentidas, reinventadas e imaginadas. São histórias que refletem não a morte, mas, sim, o que podemos interpretar e arriscar a discutir: A morte nos vivos.

Palavras-chave: Morte. Vida. Experiência. Ensino de Ciências. Educação para a morte.

ABSTRACT

Why do we avoid thinking about our own death and the death of those we love? Why does death frighten us so much? Why do we pretend that death is dead? When these questions became part of my intimate and daily reflections, this work started to live. In the search for possible answers, I came across other questions: Why did I, a teacher of two subjects [Science and Biology] dedicated to the study of life and the multiple ways in which it presents itself, had never discussed, in my classes, aspects related to human death? How does one talk about death in a classroom? Is a Death Education possible? The texts that constitute this thesis reflect the uncertainties and possibilities that go through these questions: 1. In the opening text - Is death dead? - it is possible to find the theoretical-methodological foundation that guided the development of this research; 2. Part I - Reliving life in death - portrays some of my intimate experiences related to death and the process of dying and, maybe, the reading of these stories may help in understanding how I got here; 3. Part II – Reliving death in another’s life – can be read as my field work’s result, which focused on answering the following question: What meanings do Elementary Students (last years) give to death itself and the process of dying? Looking for these meanings, I observed, listened to and read a set of accounts of experiences lived and shared by the boys and girls who were a part of this study. The analysis/interpretation of these accounts will be presented through short stories about living people and living stories about the dead; 4. Finally, each reader can still lean on a brief afterword or transitory final remarks. I hope that this set of texts may open space, in some awareness, for more intimate dialogs about death, and, who knows, talking and meditating about death we can better hear the concerns of our lives. All stories gathered here are lived, felt, reinvented, and imagined. These are stories that reflect not only death, but what we can perceive and risk discussing: Death in the living.

Key-words: Death, Life, Experience, Science Teaching, Death Education

SUMÁRIO

PREÂMBULO	12
A MORTE ESTÁ MORTA?	17
PARTE I: Revivendo a vida na morte	39
Minha mãe, meu travesseiro	40
<i>Discurso, discurso!</i>	41
Renascendo	43
Meu amado e desconhecido pai	44
Vida nova	46
Poltrona 16	47
As cores da lembrança	48
Além da minha imaginação	49
<i>Eternerom</i>	50
Uma tristeza escondida	51
Viagem de trem	53
Solidão	54
“Duas caras”	55
Sofrer nela e por ela	57
“Vou contar tudo...”	58
A árvore	59
O barulho	60
Abrindo a Bíblia	61
Desaparecer e morrer	62
<i>Bob Marley</i>	63
Aládia	65
#Partiu!	66
Ser só	67
PARTE II: Revivendo a morte na vida dos outros	68
O elevador	69
Os medos de Ana	70
O alerta	71
Vira essa boca pra lá!	72
Tudo bem	73
Uma sombra	74
A outra margem	75
A escolha	76

Os sons da morte.....	77
A explicação.....	78
Desaparecidos	79
As idades de Luana	80
Uma flor.....	81
Será que é normal?.....	82
Espera e supera	83
A bicicleta.....	84
Pessoas especiais.....	85
Por que a gente morre?	86
Mais ou menos	87
O dia de amanhã.....	88
A forma da morte	89
Deus X Morte.....	90
Hora certa?	91
Mudança de status.....	92
A vontade de Deus	93
Dia 24.....	94
A teoria.....	95
Acerto de contas.....	96
A morte é uma pergunta?.....	97
O pão.....	98
Outra forma de morrer	99
Os desejos de Davi.....	100
Um tiro: duas mortes.....	101
Muita sorte	102
Faltas	103
A luz e o escuro.....	104
Os escolhidos	105
As partes da morte	106
O que é a morte?	107
O maior medo	108
POSFÁCIO	110
A GRANDE PERSONAGEM?	125
REFERÊNCIAS	126

Preâmbulo

Ao procurar o significado da palavra preâmbulo, em um dicionário de língua portuguesa, a primeira definição que encontraremos será igual ou similar a esta: “1. Texto inicial que explica e apresenta um livro”¹. Esta definição, por sua vez, pode nos conduzir a uma pergunta: por que foi necessário escrever um preâmbulo para o conjunto de textos que compõem minha tese de doutorado? A resposta para esta pergunta pode, a princípio, parecer fácil: porque este trabalho não segue o formato *tradicional* para dissertações e teses acadêmicas. No entanto, seguir por um caminho diferente do convencional possui especificidades, dificuldades e desafios que lhe são próprios. E, como em qualquer outra pesquisa científica, onde o rigor e o compromisso de uma verdade são indispensáveis, não existe nem caminho, nem respostas fáceis.

O formato tradicional, ao qual me refiro, é o mesmo citado pelo Prof. Jonei Cerqueira Barbosa², em seu instigante artigo *Formatos insubordinados para dissertações e teses na Educação Matemática*, onde ele apresenta uma sugestão conceitual para trabalhos que seguem esse modelo: “a dissertação ou tese tradicional mantém relativa ou completa fidelidade ao formato estruturado em torno de introdução, discussão de literatura, métodos, apresentação e discussão dos dados e conclusões”.

Mas por que optei por escrever meu relatório final de pesquisa em um formato diferente daquele considerado padrão nos meios acadêmicos? Para responder a esta outra pergunta, precisei voltar aos corredores da memória, onde tantas vezes nos perdemos, para tentar reencontrar dúvidas, contradições e leituras que foram, aos poucos, me ajudando a escrever e reinventar as páginas que se seguem.

Quando iniciei o doutorado no Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC), eu sabia *o que* queria fazer – pesquisar e discutir a possibilidade de abertura de espaços nas aulas de ciências, na Educação Básica, para o diálogo sobre a morte e o processo de morrer –, mas (em termos metodológicos) eu ainda não sabia *como* fazer.

Conversei com meus orientadores, com alguns professores, colegas de turma e, muitas vezes, esperando o ônibus na rodoviária ou sentada na escrivaninha do meu quarto, conversei sozinha com minhas incertezas. Em cada uma dessas conversas, em cada reunião de orientação, surgiam novos questionamentos, possibilidades e inquietações. Depois de rabiscar quase todas as páginas de um pequeno caderno de capa vermelha, que sempre viajava comigo, a questão de

pesquisa foi desenhada, o objetivo definido e a direção metodológica traçada: era chegada a hora de ir a campo, coletar os dados, fazer a análise, escrever e publicar os resultados.

Antes de iniciar o trabalho de campo, cursei a disciplina *Referenciais Teóricos e Metodologia da Pesquisa em Educação Científica*, onde o Prof. Jonei nos apresentou outros formatos para a escrita de um relatório final de pesquisa, entre eles, a *pesquisa narrativa* – um formato, até então, desconhecido para mim tanto em termos teóricos, quanto práticos: “[...] dissertações e teses como narrativas de histórias, decorrentes da colaboração entre o pesquisador e outros participantes no estudo, que são recriadas ou reinventadas na esfera da investigação científica através da produção literária”³.

Em seu livro sobre Pesquisa Educacional, John W. Creswell⁴, argumenta que em projetos de pesquisa narrativa, os pesquisadores coletam e contam histórias sobre a vida das pessoas, escrevendo narrativas de experiências individuais, sem perder de vista o contexto social e cultural no qual vivem essas pessoas. São projetos que possuem um forte laço com a literatura, possibilitando ao pesquisador não só escrever de forma literária e persuasiva, como, também, entrelaçar sua história pessoal no relatório final.

Rachael Dwyer e elke emerald⁵, ao tentar *mapear o terreno da paisagem narrativa*, reconhecem que as histórias vividas e contadas pelas pessoas são uma fonte abundante de conhecimento e construção de significados, mas logo nos levam a perceber que trata-se de um terreno íngreme, a começar pelo próprio conceito dos termos *história* e *narrativa* – além de carregarem significados advindos do senso comum, são palavras que possuem várias definições em diferentes contextos de pesquisa, sendo utilizadas alternadamente [com o mesmo sentido], ou com distinções claras. Fazendo referência ao trabalho de Donald E. Polkinghorne, destacam ainda outros desafios ao percorrer esse terreno: em uma pesquisa, “histórias e/ou narrativas podem ser os dados, o modo de análise, ou a forma como os dados são (re)apresentados”.

Ao escrever sobre a importância da investigação narrativa para pesquisar os cotidianos educacionais, Amanda Rabelo⁶ também expõe a distinção, feita por Polkinghorne, entre diferentes formas de análise nas investigações narrativas:

A análise narrativa paradigmática, ou análise de narrativa, baseia-se em dados consistidos de narrativas ou estórias, mas cujas análises produzem tipologias ou categorias paradigmáticas, sendo utilizados como elementos ou base comum de dados [...].

A análise narrativa, propriamente dita, opera com elementos combinados entre uma estória “enredada”, coletando descrições de eventos, acontecimentos, ações, cujas análises produzem estórias (por exemplo: biografias, estórias, estudos de caso). A análise narrativa produz conhecimento de situações particulares.

A pesquisa narrativa seria, nas palavras de Amanda Rabelo, “um novo campo de investigação, reorganizado a partir de fundamentos filosóficos e epistemológicos próprios e que compreende qualquer forma de reflexão oral ou escrita que empregam a experiência pessoal”⁷. Mesmo consciente dos riscos de, ora ou outra, me perder em um terreno onde a demarcação da área permanece em constante discussão, decidi, como pesquisadora e como leitora, que esse seria o caminho através do qual minha pesquisa seria conduzida: um caminho que busca conciliar e, ao mesmo tempo, estabelecer os limites necessários entre as *histórias* que vivi, as *histórias* que li, as *histórias* que ouvi e as *histórias* que escrevi; entre uma pesquisa desenvolvida a partir de critérios científicos e escrita a partir de parâmetros literários e imaginários.

Nas páginas seguintes, cada leitor encontrará um pequeno conjunto de *histórias*. O texto de abertura, que pode ser considerado um **prefácio** escrito num formato ensaístico, foi construído em torno de uma pergunta central: *Por que fingimos que a morte está morta?* – o referencial teórico-metodológico que norteou o desenvolvimento deste trabalho aparece nas tentativas de responder a esta pergunta.

A **Parte I** – *Revivendo a vida na morte* – retrata algumas das minhas experiências íntimas relacionadas à morte e ao processo de morrer e, talvez, a leitura dessas *histórias* possam ajudar na compreensão de como cheguei até aqui. Em *As Cidades Invisíveis*, onde o escritor Ítalo Calvino⁸ usa *as cidades* como metáfora para interpretar a arquitetura da alma humana, ele diz que “[...] o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado”, portanto, o mais apropriado seria dizer que essas *histórias* são o retrato do que vejo – sentindo e imaginando, atentamente, no presente – em um passado involuntariamente modificado.

A **Parte II** – *Revivendo a morte na vida dos outros* – pode ser lida como o resultado do meu trabalho de campo, que buscou responder à seguinte questão: *Quais os significados que estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) atribuem à morte e ao processo de morrer?* Em busca desses significados, observei, escutei e li um conjunto de relatos de *experiências vividas* e compartilhadas pelos meninos e meninas que participaram deste estudo. A análise/interpretação desses relatos será apresentada através de pequenas *histórias* de vivos e *histórias* vivas de mortos⁹.

Mas é importante que se compreenda: todas as *histórias* aqui contadas, embora *separadas* em duas partes, vivem *juntas* em minhas sensações, em minha memória. Nesse movimento, repito, para mim mesma, umas das perguntas feitas pelo imperador Kublai Khan ao viajante Marco Polo: “– Você viaja para reviver o seu passado? era a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser reformulada da seguinte maneira: – Você viaja para reencontrar

o seu futuro?”¹⁰. As minhas experiências, de vida e morte, me levaram a ouvir e a escrever sobre a experiência de *outros*, ao mesmo tempo, as experiências desses *outros* foram me ajudando a reencontrar, apreender e reinventar, melhor, as minhas próprias histórias. Por fim, cada leitor ainda poderá debruçar-se sobre um breve **posfácio** ou transitórias **considerações finais**.

O artigo que citei no início deste preâmbulo – *Formatos insubordinados para dissertações e teses na Educação Matemática* – foi publicado em 2015 no livro *Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática* e, nele, o autor menciona uma certa desconfiança, pelos pares, no que diz respeito ao *rigor* e *cientificidade* de trabalhos no formato narrativo. Em meu exame de qualificação, encontrei vestígios dessa desconfiança no tom e nos sentidos de algumas palavras ditas e não ditas. Mas essas vozes e esses silêncios também foram importantes na construção e finalização desta pesquisa, onde cada etapa foi cumprida com o mesmo *rigor*, *cientificidade* e *compromisso ético* de uma pesquisa realizada nos moldes tradicionais, mas sem diminuir a importância do *compromisso estético*, o qual considero fundamental em qualquer texto: inclusive nos textos acadêmicos.

Por que escrever um preâmbulo? Talvez, se eu tivesse sido menos *insubordinada* esse preâmbulo fosse desnecessário. Mas o que posso fazer? Ao escrever este relatório como uma peça literária, priorizando conteúdo e forma, eu preciso aceitar os desafios e condições que a ele se impõem. Em *As palavras de Clarice Lispector*¹¹, encontrei e guardei este pequeno fragmento: “Entre os fatos há um sussurro, é esse sussurro que me interessa”. O que mais me interessa, neste trabalho, são os sussurros das interpretações que serão feitas pelo leitor.

Todos esses escritos, que aqui reunidos podem ser chamadas de *tese*, são, também, um testemunho do que a literatura pode oferecer a cada um de nós: inclusive professores e estudantes. A literatura ensina porque não pretende ensinar. A verdadeira literatura é uma pergunta que responde ampliando as certezas e as dúvidas mais íntimas. Aos escritores – grandes poetas, filósofos, sábios, cronistas e romancistas – que me ensinaram a duvidar e a acreditar na diversidade da vida e do olhar, em cada frase, em cada livro, minha gratidão sincera; a gratidão de alguém que tentou, como pôde, expressar o pouco que viu, sentiu, leu e viveu.

“Quando perguntei se no dia da morte a gente consegue avistar tudo, ela sorriu com amargura. Precisamente naquele instante, quando decerto tudo emergia das trevas, Deus congelava a boca do seu servo para que ele não contasse o que aparecia. E assim as pessoas se iam deste mundo, uma após a outra, levando consigo os grandes segredos”.

Ismail Kadaré¹²

A morte está morta?

Em uma entrevista concedida a Adam Fitzgerald, o escritor Harold Bloom¹ confessa que não sabe fazer nada que não seja pessoal: “Eu penso, leio e escrevo de forma pessoal. Alguma vez podia ser de outra maneira? Afinal, andamos todos aqui para quê? A objetividade é uma farsa. É um mito. É superficial. A subjetividade profunda não é fácil [...], é aquilo que queremos cultivar nas pessoas”. Esse é um dos motivos, talvez um dos mais importantes, que me levaram a escrever as pequenas histórias que compõem esta obra: elas são, antes de qualquer coisa, pessoais.

E novamente retorno à pergunta feita por Bloom: *Alguma vez podia ser de outra maneira?* Como eu poderia escrever sobre a morte – tema central deste trabalho – apenas de forma técnica e impessoal? Como eu poderia desconsiderar as minhas próprias experiências relacionadas à morte e ao processo de morrer, se foi através delas que a morte passou a fazer parte das minhas reflexões íntimas e, posteriormente, dos meus estudos acadêmicos? Como eu poderia não levar em conta o medo, a dor e o sentimento de solidão que a morte provocou e que a expectativa real da morte ainda provoca em mim?

Na infância, li um romance chamado *Sozinha no mundo*², que conta a história de Pimpa, uma menina que após a morte da mãe fica completamente só. Não lembro dos detalhes da história, nem de como ela termina, mas lembro que não foram poucas as vezes que chorei escondida com medo da morte da minha mãe, com medo de me tornar aquela garotinha.

No início da adolescência, os amigos, os primeiros beijos e as novas descobertas distraíram parte dos meus medos. Em *Espinhas e Alfinetes*³, há um pequeno fragmento sobre um tempo parecido: “Aquele tempo um borrão de cores vivas, felizes, no meu caderno de caligrafia. De não esquecer. Depois que crescemos, a felicidade, a gente só a tem se o destino se distrair um minuto”. Minhas distrações logo se foram e, hoje, sei: morremos e ainda estamos crescendo... Faltando poucos meses para o meu aniversário de 16 anos, descobri que minha mãe estava com câncer e a confusão de sentimentos, que naturalmente vivemos na adolescência, tornou-se ainda maior: eu não sabia como conciliar o medo da morte da minha mãe com meus desejos de menina que queria namorar, viver, sonhar. Muitas vezes, eu fingia não ver tudo que estava acontecendo em nossa casa – principalmente nas madrugadas em que eu ficava de olhos abertos ouvindo ela gemer de dor – e mesmo com a visão turva e os sentidos embaralhados, fui vendo, aos poucos, os olhos e os desejos da minha mãe perderem a força e a cor.

Dois anos após a descoberta do câncer, minha mãe morreu. Eu estava ao lado de sua cama, num quarto de hospital, cuidando daquele corpo – que já não era o dela – deitado, imóvel, inconsciente, sedado por medicamentos para não sentir dor. Olhei para as mãos da minha mãe e vi a ponta dos seus dedos mudando de cor; naquele momento percebi que ela estava começando a morrer, mas não consegui permanecer ao seu lado. Eu saí do quarto e permaneci no corredor, em pé, imóvel, quase inconsciente, sedada pelo desespero e pela dor.

Em *Piloto de Guerra*, Exupéry⁴ conta que “Durante os preparativos de enterro, amamos o morto, não estamos em contato com a morte. A morte é uma coisa grande. É uma nova rede de relações com as ideias, os objetos, os costumes do morto”. E nos lembra que, para sentirmos a morte, é preciso: “[...] imaginar as horas em que temos necessidade do morto. Então, ele nos faz falta. Imaginar as horas em que ele precisaria de nós. Mas ele não precisa mais de nós”. Duas semanas após o enterro da minha mãe, era o segundo domingo de maio: Dia das Mães. A casa estava vazia, os amigos e familiares já não estavam por perto e eu não podia ligar para minha mãe, não podia lhe comprar um presente, não podia lhe abraçar. Ela já não precisava mais de mim e eu sentia cada vez mais necessidade da sua voz, do seu abraço. E foi perdida nessa ausência que entendi, com mais força, o sentido das palavras de Exupéry: “O morto morrerá só amanhã, no silêncio”. Quando o silêncio chegou, eu gritei, gritei por vários dias e noites. E, assustada pelos pesadelos, acordei gritando durante muitos silêncios e muitas madrugadas.

Tempo: *Compositor de destinos / Tambor de todos os ritmos / Tempo tempo tempo tempo / Entro num acordo contigo / Tempo tempo tempo tempo...* O tempo, cantado por Caetano⁵, entrou num acordo comigo, quer dizer, eu entrei num acordo lúcido com ele: era preciso parar de gritar e continuar a viver...

O filósofo Montaigne⁶ disse que: “Não vamos, somos levados: como as coisas que flutuam, ora suavemente, ora com violência, dependendo se a água está revolta ou serena”. A morte da minha mãe mudou a direção da minha vida e *ora suavemente, ora com violência* fui aprendendo a conviver com a sua ausência. Durante esse percurso, algumas questões relacionadas à morte e ao processo de morrer passaram a fazer parte das minhas reflexões cotidianas: Por que evitamos pensar em nossa própria morte e na morte de quem amamos? Por que a morte nos causa tanto pavor? **Por que fingimos que a morte está morta?**

A psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross⁷ – que dedicou parte de sua vida à morte, ouvindo histórias de dor, despedida e amor de pessoas que estavam morrendo – declara: “Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá”. Kübler-Ross ressalta

que, embora o medo seja um sentimento constante e *universal*, é possível perceber algumas mudanças no modo como convivemos com a morte e com o processo de morrer. Mas que mudanças seriam essas? Quais os seus desdobramentos na sociedade contemporânea?

Através do conjunto de ensaios que integram o livro *História da morte no Ocidente - da Idade Média aos nossos dias*, o historiador francês Philippe Ariès⁸ retrata a morte, na primeira fase da Idade Média, como um evento familiar e próximo: além de ser esperada no leito, era uma cerimônia pública, organizada e presidida pelo próprio enfermo, com a presença de parentes, amigos e vizinhos, incluindo crianças. Para o autor, o mais importante seria “[...] a simplicidade com que os ritos de morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos”. Essa atitude teria se estendido por muitos séculos e estaria associada a uma concepção de destino coletivo da espécie.

Durante a segunda fase da Idade Média, Ariès relata que a familiaridade tradicional com a morte vai sendo, gradativamente, modificada, passando a adquirir um sentido mais dramático e pessoal. Não cabe citar, aqui, todo o percurso histórico traçado por ele sobre as mudanças na atitude humana diante da morte – em sua obra encontramos a descrição detalhada de uma série de fenômenos novos que teriam, ao longo do tempo, impulsionado essas mudanças. Considero mais relevante destacar que, até meados do século XIX, o autor sugere que as alterações aconteceram de forma lenta. Só a partir desse período, e de forma mais intensa no século XX, é que teria ocorrido uma *revolução brutal* no modo como lidamos com a morte e o processo de morrer: “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer”⁹.

Ariès também afirma que um fenômeno importante teria acelerado esse *desaparecimento*: a transferência do local da morte da casa para o hospital (ocorrido entre 1930 e 1950). A morte deixa de ser um evento *ritualístico*, conduzido pelo enfermo na presença de seus entes queridos, e passa a ser *fenômeno técnico* guiado pelos médicos e pela equipe hospitalar, onde o enfermo, quase sempre, já não está mais consciente para tomar suas próprias decisões – em épocas mais antigas o doente sabia quando a morte estava próxima, seja por reconhecimento dos sinais, ou porque havia sido advertido. Agora, as decisões importantes são tomadas pelos familiares, o indivíduo não deve saber que está morrendo e já não tem autonomia para organizar sua despedida. Essa nova atitude estaria relacionada ao desenvolvimento da medicina, que “[...] substituiu na consciência do homem atingido, a morte pela doença”¹⁰ e trouxe a possibilidade (real) de cura, mesmo para as doenças consideradas graves. Só em situações extremas, onde a doença é ou tem fama de ser incurável – a exemplo do câncer – é que a presença da morte se tornaria difícil de esconder. Além disso, o surgimento de novos

equipamentos e medicamentos, capazes de prolongar ou abreviar, cada vez mais, a hora da morte, tirou-lhe “[...] a bela regularidade de outrora”¹¹.

Nesse contexto de mudanças, Ariès faz referência ao estudo do sociólogo inglês Geoffrey Gorer, intitulado *The pornography of death*, por ter sido o primeiro a apontar que a morte se transformou em um *tabu*, ocupando o lugar do sexo como tema interdito nas sociedades industrializadas do século XX. Se antes as crianças presenciavam cenas de morte, de perto, no quarto dos enfermos, hoje, são mantidas à distância, inclusive das conversas sobre o tema. Ariès, então, conclui: “A morte recuou e deixou a casa pelo hospital; está ausente do mundo familiar de cada dia. O homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu”¹².

Os ensaios de Philippe Ariès foram publicados pela primeira vez em 1975 e, hoje, quase cinco décadas depois, encontramos um número expressivo de trabalhos que tomam como referência as conclusões presentes em sua obra, considerada um clássico nos estudos sobre as mudanças em nossa percepção a respeito da morte ao longo do tempo.

Meu primeiro contato com os escritos de Ariès ocorreu durante a graduação em Ciências Biológicas, período no qual iniciei meus estudos sobre a morte e, conseqüentemente, passei a me interessar pela leitura de textos que discutiam questões relacionadas a essa temática dentro do universo acadêmico. Contudo, naquele momento, eu ainda não possuía um olhar mais atento para a leitura não só desses textos, mas, principalmente, da realidade a minha volta. Por isso, cheguei a concordar – em meu trabalho de conclusão de curso e em minha dissertação de mestrado – com essa visão de uma morte mais próxima e tranquila no passado, em oposição ao pavor, ocultamento e dissimulação que envolvem esse fenômeno na sociedade contemporânea.

Ao ampliar meus horizontes de vivências, leituras e reflexões percebi que algumas das afirmações defendidas por Ariès eram passíveis de questionamentos. Apesar de afirmar, no último capítulo do seu livro, que “nunca foi fácil morrer”¹³, Ariès nos passa a impressão que a morte, nas sociedades tradicionais, era vivenciada “[...] sem medo ou desespero, um meio-termo entre a resignação passiva e a confiança mística”¹⁴ Esse comportamento seria, notadamente, contrário ao nosso: “[...] a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer o seu nome”¹⁵. No entanto, em um dos ensaios de Montaigne¹⁶, *De como filosofar é aprender a morrer*, escrito no século XVI, encontramos alguns relatos que não coincidem com essa aparente tranquilidade. Montaigne observa que desde a Antiguidade “as pessoas se apavoram simplesmente em ouvir o nome: a morte!” e cita uma estratégia usada pelos romanos para se referir à morte, por conta dos maus presságios associados a essa palavra: “Em vez de dizer morreu, diziam: parou

de viver, viveu; bastava-lhes que se falasse em vida. Nós lhes tomamos de empréstimo esses eufemismos e dizemos: Mestre João se foi”.

Em seu texto, Montaigne nos mostra que os sentimentos de apreensão, medo e desespero, que envolvem a morte, sempre estiveram presentes na humanidade, não sendo uma particularidade de nossa época: “[...] quando ela nos cai em cima, ou em cima das nossas mulheres, nossos filhos, nossos amigos, que os surpreenda ou não, quantos tormentos, gritos, imprecações, desespero!”.

Em *A solidão dos moribundos*, de Norbert Elias¹⁷, encontrei, recentemente, crítica semelhante ao modo como Ariès retrata as mudanças em nossa atitude diante da morte. Ele chama a atenção para a seleção e interpretação das evidências históricas feitas por Ariès, referindo-se às suas fontes como épicos medievais que representavam uma idealização da vida cortesã, consideravelmente diferente da realidade. Ao fazer um breve resumo da vida nos estados feudais – “A violência era comum; o conflito, apaixonado; a guerra, muitas vezes a regra; e a paz, exceção. Epidemias varriam as terras da Eurásia, milhares morriam atormentados e abandonados sem ajuda ou conforto.” – Norbert Elias argumenta que o fato de a morte ser, inevitavelmente, mais presente e familiar no cotidiano de jovens e velhos, não significa que ela fosse aceita de forma pacífica. Além disso, a grande quantidade de pessoas mortas nesse período, por conta da peste, teria aumentado ainda mais o pavor diante da morte, ou seja, era um cenário onde morrer poderia ser sinônimo de tormento e agonia, já que não havia recursos suficientes para garantir alívio das dores.

Quando Ariès diz “recusa da morte hoje”¹⁸, essa expressão pode nos passar a impressão de que a morte foi, um dia, aceitável. E não podemos afirmar que isso aconteceu em nenhuma época. Se, antigamente, ela estava mais *visível*, essa visibilidade não pode ser precipitadamente associada a uma escolha consciente, ao contrário, qualquer análise consciente desse período histórico precisa considerar que as condições de vida da época, por si só, evidenciavam a morte [e os mortos] no cotidiano dos vivos. Outro exemplo que demonstra essa visibilidade é o relato feito pelo próprio Ariès em relação aos enterros durante a Idade Média – os mortos entram nas cidades e passam a ser enterrados nas Igrejas e suas dependências (com exceção dos mais pobres que eram enterrados nos limites da área, nas profundas valas comuns); estas se transformaram, nas palavras do autor, “[...] em uma incrível concentração de cadáveres e ossadas”¹⁹. Esse cenário só teria sido alterado na segunda metade do século XVIII, quando a presença dos mortos nas igrejas torna-se intolerável – o odor que saía das valas, o chão repleto de cadáveres, a exibição dos ossários, foram se tornando alvo de críticas, associadas a questões

de saúde pública e, também, a uma violação da dignidade dos mortos (que passaram a ter sua própria morada em propriedades das famílias ou em cemitérios públicos).

Ao ler *História da morte no Ocidente* nos deparamos com a imagem de um *moribundo* organizando sua partida, rodeado de amigos e familiares, expressando seus últimos desejos e aceitando a morte “[...] apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor”²⁰. O deslocamento da morte para o hospital teria suprimido esse privilégio e o indivíduo, apesar de receber o benefício de uma melhor assistência técnica, teria perdido o direito de ser ouvido, teria se tornado “[...] ainda que bem cuidado e por muito tempo conservado vivo, uma coisa solitária e humilhada”²¹. Aqui, é possível afirmar que Ariès desconsiderara um aspecto fundamental: a individualidade das relações humanas.

Em *Sobre a morte e o morrer*, Kübler-Ross²² relembra um episódio de sua infância: a morte de um fazendeiro ao cair de uma árvore. Ela conta que, como não havia chances de sobrevivência, o homem pediu apenas para morrer em casa e seu desejo foi atendido: conversou com cada uma de suas filhas, organizou seus negócios, distribuiu sua herança e se despediu dos amigos. Kübler-Ross e seus irmãos, embora fossem crianças, puderam acompanhar de perto esse ritual de despedida e toda a dor vivenciada pela família. Ao contar essa história, Kübler-Ross, do mesmo modo que Ariès, direciona nosso olhar para uma morte familiar e serena no passado, em oposição a um presente onde a morte é vista como *tabu* e onde “Morrer se torna um ato solitário e impessoal porque o paciente não raro é removido de seu ambiente familiar e transferido para uma sala de emergência”.

Até certo ponto, aprecio o belo relato feito por Kübler-Ross: num mundo *ideal* seria maravilhoso morrer no conforto de nossa casa, com autonomia para deixar tudo em ordem, recebendo o cuidado e o afeto das pessoas que amamos. A autora reconhece que, muitas vezes, a hospitalização é inevitável, mas enfatiza como seria melhor para um paciente que está morrendo “substituir um sedativo por um copo de seu vinho preferido”. Mas, no mundo *real*, morrer em casa pode ser extremamente difícil e doloroso. Conheci um senhor que morreu em sua cama, ao lado dos seus familiares, sendo maltratado, humilhado e agredido pela esposa e pelo único filho até o seu último suspiro. Minha mãe morreu longe de casa, em um quarto de hospital, em coma induzido por medicamentos, mas cercada e protegida pelas pessoas que mais amava – se ela estivesse em casa, certamente, não teríamos condições de amenizar toda a dor e sofrimento provocado pelo câncer.

Em sua crítica, Norbert Elias²³ também concorda que antigamente a presença de outras pessoas no ambiente familiar poderia ser um conforto para alguns *moribundos*: “Disseram-nos

que Thomas More, chanceler de Henrique VIII, abraçou seu pai moribundo no leito de morte e o beijou nos lábios — um pai que ele reverenciou e respeitou por toda a vida”, mas não generaliza essa afirmação: “Havia casos, no entanto, em que os herdeiros em volta do leito de morte zombavam e escarneciam do velho moribundo”. E, ao citar esses exemplos, reforça a importância de não fazermos essa oposição entre passado *bom* e presente *ruim*, porque “Tudo dependia das pessoas”. E as atitudes das pessoas dependem de suas vivências e da individualidade de cada caráter.

Se eu morresse hoje, certamente, gostaria de morrer aqui, em minha casa, perto do que amo e de quem me ama. Mas se fosse preciso ir para um hospital, para alívio do desconforto e da dor, isso não significaria, necessariamente, que a minha morte seria triste e impessoal. Em *A riqueza interior*, onde Hermann Hesse²⁴ escreve a um prisioneiro de guerra que estava afastado daquilo e daqueles a quem amava, ele diz: “Nos tempos de dificuldades e sofrimentos é que se revela o que realmente possuímos, o que não nos trai e que não nos pode ser tomado”. Eu acredito que as minhas riquezas espirituais, independentemente do local onde eu esteja, não serão retiradas de mim neste último ou primeiro momento: a morte. Por enquanto, sigo vivendo e sussurrando os versos de Mário Quintana²⁵:

Um dia... pronto!... me acabo.
Pois seja o que tem de ser.
Morrer que me importa?... O diabo
É deixar de viver!

Entre uma *boa morte* e uma *morte ruim*, existe uma série de fatores que vão muito além de estar em casa ou no hospital: existe o afeto das pessoas que estarão ao nosso lado, existem as condições socioeconômicas que possibilitarão (ou não) acesso a tratamentos e cuidados de saúde, existe a relação individual de satisfação e gratidão com a vida, com um Deus, e tantas outras coisas.

Quanto à interferência dos aspectos socioeconômicos em nossa percepção a respeito da vida e da morte, recordo uma das histórias contadas por Eliane Brum²⁶, em *A vida que ninguém vê*, sobre a morte de um bebê ainda no ventre materno e, dias depois, de sua mãe. Eliane Brum não conta apenas a história da morte, ela revela toda uma vida de limitações e humilhações que as levaram para a sepultura, pois a pobreza, o descaso e a ausência de tratamento adequado no sistema público de saúde foi o que causou a morte da criança e de sua mãe. O pai, Antônio Antunes, no dia do enterro da filhinha, segurando um caixão doado, diz: “Esse é o caminho do pobre”. E esse foi o caminho de sua mulher, cinco dias depois, deixando Antônio sozinho,

cuidando dos outros filhos, tentando sobreviver, porque: “A diferença maior é que enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida”.

Um pai que olha com carinho a esposa planejar cada detalhe do enxoval do bebê, um pai que já comprou uma coleção de brinquedos para enfeitar o quarto do bebê, sentiria um tipo de dor e de desespero com a morte da mulher e do filho que Antônio, um descascador de eucaliptos e de sofrimentos, não teve nem chance, nem tempo, de sentir. Por mais difícil que seja admitir essa triste realidade, a miséria da vida de Antônio e de sua família ameniza o impacto da morte: porque a dor de existir, rejeitado e ignorado, é, muitas vezes, pior do que a dor de desaparecer em um mundo onde *ninguém lhe vê*.

Em outro extremo, também não podemos garantir que alguém com acesso aos melhores tratamentos de saúde ou com uma capacidade mais *racional* de enfrentar a vida e a morte, vivencie esse processo de forma mais serena. O morrer, para essas pessoas, ainda que por um caminho diferente, pode ser solitário, doloroso e triste.

O médico e poeta Miguel Torga²⁷, sempre consciente e lúcido, revelou em um de seus *Diários* (escritos ao longo de 60 anos) as tristezas íntimas diante da proximidade de sua morte. Torga conhecia tecnicamente a doença que acometia seu corpo e, como médico, ele provavelmente percebeu quando suas células começaram a morrer; como homem, ele sentiu, instintivamente, quando seu corpo começou a morrer; mas a alma do poeta sabia que suas palavras continuariam vivas e nos permitiriam compreender, com tristeza e beleza, uma parte do seu sofrimento, da sua dor:

Coimbra, 12 de abril de 1991 – Longo e penoso tratamento no hospital de oncologia, levado a cabo com a determinação dum naufrago que em pleno mar esbraceja contra a evidência da impossível salvação. No fim, ergui-me estonteado da cadeira de suplícios amparado pelo braço solícito da enfermeira, e gemi:

– Eu não merecia este remate de vida...

A sala estava cheia doutros condenados. E, à saída, ainda pude ouvir:

– É médico. E também lhe chegou o mal, como a nós...

– E poeta... – confidenciou em surdina alguém.

– De nada lhe valeu... – comentou um velhote, filosoficamente.

Voltei-me e gracejei, à laia de despedida:

– Pelo contrário. Foi pior. Só complicou.

Outro aspecto que precisa ser considerado é o papel das crenças religiosas e, num sentido mais amplo, da espiritualidade de cada indivíduo, no enfrentamento da morte. Alguém que entende esse processo como fim de um ciclo e começo de outro, no paraíso ou no inferno, possivelmente vivencie a morte de forma distinta de quem acredita que se transformará em adubo ou que renascerá como gente, bicho ou planta. Não estou defendendo, aqui, que uma *boa*

morte depende de crenças religiosas específicas; estou apenas dizendo que a espiritualidade influencia significativamente no modo como encaramos a vida e a morte. Minha mãe morreu acreditando que Deus lhe aguardaria no céu e, esse mesmo Deus, cuidaria aqui na Terra de seus dois filhos, não os deixaria desamparados no mundo. No meio de toda sua dor e sofrimento, essa confiança na proteção divina servia de acalento e consolo ao seu coração. Me arrisco a dizer que, em momentos como esse, a fé (independentemente da crença religiosa) “não costuma *faiá...*”²⁸.

Feitas essas considerações, surgem, então, alguns questionamentos: se as civilizações mais antigas tivessem acesso a uma parcela dos recursos que temos hoje, será que estaríamos discutindo a possibilidade (que não pode ser comprovada) de uma morte mais próxima, tranquila e serena no passado? Será que os indivíduos dessas civilizações morreriam em casa e permitiriam que as crianças acompanhassem de perto todo esse processo? O que sabemos é que com as melhorias nas condições de vida e, conseqüentemente, o aumento gradativo da longevidade humana, com o surgimento dos hospitais e, de modo geral, com todo o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico das sociedades contemporâneas, “Ficou mais fácil esquecer a morte no curso da vida normal”²⁹.

Ariès insiste que “O homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu [...]”³⁰. Mas será que “esquecer” não é exatamente o nosso maior desejo? E mais uma vez me pergunto: **Por que fingimos que a morte está morta?** Talvez porque, agora, temos cada vez mais motivos, condições e convicções para fingir.



O poeta Mário Quintana³¹ disse que: “Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... E não a gente a ele!”. Essa foi a sensação que tive ao ler *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Neste belo livro, Mia Couto³² conta a história do retorno do jovem Mariano à ilha de Luar-do-chão, depois de anos ausente, para o enterro do avô do qual herdara o nome. Eu nem havia terminado de ler a primeira página e parecia que as palavras de Mia Couto já estavam, há muito tempo, escondidas em meu coração: “A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer”. Até hoje, sempre que encosto a cabeça no travesseiro e penso em minha mãe, sempre que escuto sua voz me dizendo para não ficar acordada até tarde, eu também confirmo: *morto amado nunca mais para de morrer*.

Em *Tabu da corpo*³³ e *Tabu da morte*³⁴, José Carlos Rodrigues ilustra como sociedades distintas lidam com o luto e a dor de perder um ente querido – para isso ele traz exemplos de pesquisas feitas por outros antropólogos em diferentes épocas e culturas. O que mais chamou minha atenção na leitura de ambos os livros não foi a descrição dos diversos rituais de morte, que variam de acordo com os costumes de cada povo, e, sim, um comentário feito pela também antropóloga Ruth Benedict, logo após narrar um ritual entre o povo Zuñi: “Mas qualquer que seja a tendência de um povo, a morte é um fato impiedosamente iniludível [...] uma morte que toca muito de perto uma pessoa nem mesmo em Zuñi é coisa fácil de esquecer”³⁵.

Certa vez, assistindo a um documentário, escutei uma frase dita por Stálin: “A morte de uma pessoa é uma tragédia; a de milhões, uma estatística”. Ele, Stálin, um conhecido genocida, certamente fez essa afirmação com seu desdém às vidas que discordavam de qualquer detalhe de sua tirania. Mas podemos usar esta mesma frase, sem desdém, e pensar que a morte de alguém que amamos é mais dolorosa e trágica que a morte de milhares de vidas que morrem todos os dias, mas não nos perturbam – porque são mortes de pessoas que não conhecemos, que não dependemos, que não amamos.

Os jornais, as revistas, a internet, noticiam com frequência que “Milhões de bebês e crianças morrem todos os anos por falta de acesso a água, saneamento, nutrição adequada ou serviços básicos de saúde”³⁶; se ouvimos essa afirmação enquanto estamos sentados à mesa almoçando, ou em uma roda de conversa com amigos, no geral, balançamos a cabeça negativamente e deixamos transparecer uma expressão de tristeza no rosto, acompanhada, quase sempre, de uma frase de indignação com as injustiças que ocorrem no mundo. Logo em seguida, comeremos satisfeitos nossa sobremesa ou daremos boas risadas se um amigo muda de assunto e conta uma história engraçada. Mas se alguém bate à nossa porta e diz que o filho do vizinho sofreu um acidente de carro e morreu, entalamos com a sobremesa, arregalamos os olhos, passamos noites em claro e ficamos paralisados diante de tamanha tragédia. Por que a morte do vizinho me impressiona? Por que a morte do coleguinha do meu filho me choca? Porque nos fazem lembrar que a morte está por perto e tememos por nosso filho, por nossa mãe, pelo homem ou pela mulher que amamos, por um amigo querido...

Veza ou outra vejo campanhas nas redes sociais com a *#Todos somos* (alguém ou alguma coisa) e essas campanhas, quase sempre, estão associadas a acontecimentos trágicos de diversas naturezas. Por mais que essa ideia possa estar cercada de boas intenções, no geral, *Todos somos* apenas nós mesmos, aquilo ou aqueles que estão perto, dentro da nossa intimidade. Isso não quer dizer que não sejamos capazes de ter empatia e até sofrer por sentimentos e dores que estão

do lado de fora da nossa intimidade. Mas, geralmente, só podemos ser, sentir, com mais propriedade e verdade, aquilo e aqueles que compartilham o nosso mundo íntimo e individual.

A escritora e psicanalista Maria Rita Kehl³⁷, em sua crônica *A morte do Sentido*, descreve e escreve sobre um personagem, um rapaz no meio da multidão que acampava em frente ao tribunal onde ocorria o julgamento do casal Nardoni – acusados de matar, covardemente, a pequena Isabela Nardoni. Ao ser perguntado sobre o porquê de estar ali, esse rapaz, que viajou do interior para ver de perto o julgamento, disse para um jornalista: “Lá onde moro não tem esse negócio de morte violenta. Lá só tem árvores e passarinhos”. Maria Rita Kehl reflete:

Ele foi ver a morte. Mas a morte não se vê do lado de fora do tribunal. Nem pelo lado de dentro. Nem de lugar nenhum. A morte mesmo, mesmo, é aquilo que não se vê. Vê-se o corpo sem vida. Veem-se marcas de violência, decrepitude, doença. A morte está fora de nossa capacidade, tanto de representação de imagem quanto de simbolização. Por isso (assim como o gozo sexual) ela dá tanto o que falar.

As mortes, menos íntimas, são aquelas que, geralmente, *dão o que falar*. As mortes mais íntimas, quase sempre, *dão pouco o que falar e muito o que sofrer*. E, na maioria das vezes, quem mais sofre é, também, aquele que menos fala.

Enquanto estou aqui, sentada em uma cadeira confortável na escrivaninha do meu quarto, escrevendo este texto, agora mesmo, pessoas estão morrendo em todos os cantos do mundo. Mas, ao que tudo indica, isso não me impedirá de, daqui a pouco, ter uma boa noite de sono. Agimos como se a morte não existisse na esfera íntima. Ela está em todos os lugares, menos em nossa casa. Na verdade, só aceitamos a morte fora de casa.

Se tivermos coragem para abandonar nossa sensível hipocrisia veremos que a afirmação de Stálin, infelizmente, é mais verdadeira do que gostaríamos que fosse. Porque se ouvimos no noticiário que uma represa rompeu e centenas de pessoas desconhecidas morreram soterradas pela lama, somos até capazes de lamentar, com sinceridade, a dor e o desespero dos familiares e dos sobreviventes. Mas logo essas mortes cairão em nosso esquecimento e seguiremos com nossa rotina de afazeres e compromissos diários. Mas *uma morte que toca muito de perto uma pessoa* nunca foi e, provavelmente, nunca será uma *coisa fácil de esquecer*, porque todos aqueles que já perderam alguém, a quem muito amavam, sabem: *morto amado nunca mais para de morrer*. Eu sei.

Em uma entrevista concedida à revista *Veja*³⁸, o ex-jogador de futebol Marcos Evangelista de Moraes, mais conhecido como Cafu, falou sobre a morte do filho mais velho, Danilo, aos 30 anos – devido a um problema cardíaco – enquanto jogavam uma partida de

futebol: “Tanto o padre quanto o pastor disseram a mesma coisa, que sempre há o momento de Deus e que não podemos contestar à vontade dele. Poxa, mas eu também tinha as minhas vontades e planos para o Danilo ao meu lado”. Em sua reclamação e em sua, posterior, oração, Cafu conseguiu expressar, de forma simples e sincera, a dor e o sofrimento diante da morte inesperada de um filho: “Senhor, ele era muito novo. Pode não ter vivido o suficiente. Se foi a sua vontade, respeito; mas preferia ele aqui conosco [...]. Cadê o menino que usava meus perfumes só para me sacanear?”. Cafu estava descobrindo que seu filho amado, morto, nunca mais irá parar de morrer.

Na crônica *Tenho medo*, Rubem Alves³⁹ conta que sua filha Raquel, quando tinha apenas três aninhos, o acordou bem cedo e perguntou: “Papai, quando você morrer, você vai sentir saudades? Essa foi a forma delicada que ela teve de me dizer que tinha medo da saudade que ela iria sentir, quando eu partisse”. Pensar na morte das pessoas que amamos, de modo geral, provoca em nós um conjunto de sensações, de medos, diferente de quando somos levados a pensar em nossa própria morte. Agora é quase meia noite: meu esposo já está no quarto dormindo; meu filho mais velho insiste em ficar acordado assistindo TV; minha filhinha recém-nascida está dormindo em seu belo bercinho; e eu? Eu, que estou na sala escrevendo sobre a morte, não sei expressar a dor que sinto quando penso na morte dos três. E mesmo sabendo que eles podem partir, a qualquer momento, antes de mim, tudo o que consigo fazer é uma prece: peço a Deus que não me deixe sentir, de novo, essa dor.

Por outro lado, não tenho medo da minha própria morte, no sentido do que vai acontecer comigo depois que meus olhos se fecharem de vez. A existência, ou não, desse *depois* não me preocupa. Talvez minha matéria retorne para a natureza; talvez eu desperte em outra dimensão completamente desconhecida; talvez o colo de Mainha esteja me esperando em algum lugar (confesso a minha tendência em acreditar nesse *talvez*); talvez Epicuro tenha razão: “A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui⁴⁰. Talvez.

Ainda assim, insisto: a sombra do desconhecido, que envolve a morte, não me preocupa. Já basta toda dificuldade que temos em viver aqui, no presente, com os medos, angústias e frustrações que guardamos em nosso travesseiro. Clarice Lispector⁴¹, ao entrevistar o escritor e psicanalista Hélio Pellegrino, perguntou: “Hélio, é bom viver, não é?”. Ele, assim respondeu: “Viver – essa difícil alegria. Viver é jogo, é risco. Quem joga pode ganhar ou perder [...]. Se não sei perder, não ganho nada, e terei sempre as mãos vazias. Quem não sabe perder, acumula ferrugem nos olhos e se torna cego de rancor”. Saber morrer também é uma forma de ganhar nessa *difícil alegria* que é viver.

No entanto, compartilho do mesmo medo que Rubem Alves: “[...] tenho medo do morrer. Medo da morte e medo do morrer são coisas distintas. O morrer pode ser doloroso, longo, humilhante”⁴². Tenho medo de morrer em um acidente automobilístico – eu sei que, na maioria das vezes, acontece tão rápido que nem dá tempo de sentir dor, mas não é essa a questão; o que me apavora é pensar em meu corpo machucado e exposto, sendo visto e “compartilhado” em celulares de pessoas desconhecidas. E eu também tenho medo de morrer enquanto meus filhos ainda estão pequenos e dependentes do meu cuidado.

Às vezes, um outro tipo de medo aparece em meus pensamentos. Esse medo, que transita entre o mundo dos vivos e dos mortos, foi relatado pelo viajante Marco Polo ao chegar na cidade de *Adelma*. Lá ele encontrou um marinheiro que se parecia com um de seus soldados, um velho que lembrava um pescador de sua infância, uma quitandeira que era igual à sua avó – todos mortos:

Chega um momento na vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos. E a mente se recusa a aceitar outras fisionomias, outras expressões: em todas as faces novas que encontra, imprime os velhos desenhos, para cada uma descobre a máscara que melhor se adapta.⁴³

Não quero enterrar meu esposo, meus filhos, meu irmão, meus amigos e amigas, mas tenho medo que um dia eu, também, precise imprimir em rostos desconhecidos *os velhos desenhos* de quem eu amo. E, nesse mesmo instante, lembrei das últimas cenas do personagem interpretado pelo ator Tom Hanks, no filme *À espera de um milagre*, vivendo ao lado de pessoas que só pertenciam ao seu presente e, ao mesmo tempo, sobrevivendo, sozinho, em um passado que ele já não podia mais tocar, cheirar, abraçar...

No documentário *Eu Maior*⁴⁴, Mario Sérgio Cortella também diz que a morte em si, não o preocupa, porque ela é um fato (todos iremos morrer). A pergunta-chave seria: “O que eu faço da minha vida enquanto minha morte não acontece? – pra que essa vida não seja banal, superficial, fútil, pequena”. Ele responde que, nesse momento, precisamos ser capazes de “fazer falta” e explica que fazer falta não é sinônimo de ser famoso, mas de ser importante: “Muita gente não é famosa e é absolutamente importante. Importar: quando alguém me leva pra dentro, importa, ele me porta pra dentro, ele me carrega”. Podemos até não confessar, mas esse é um dos nossos maiores desejos: “fazer falta”. Em outras palavras, sentir-se amado, ter a certeza de que alguém, em algum lugar, vai sentir e chorar verdadeiramente a nossa ausência, a nossa morte.

Antônio Maria⁴⁵, que sabia como nos fazer rir e chorar ao ler a mesma crônica, perguntou o que seria, realmente, morrer:

[...] porque quem fica vivo acha que morrer é fechar os olhos, ficar pálido e, horas depois, ser enterrado no cemitério mais próximo, deixando muitas saudades. Mas isto não passa de uma invenção dos vivos, criando e seguindo, há séculos, o ritual do falecimento e a necessidade da dor. Mas morrer é muito mais que a simples palidez, o enterro e as saudades. Morrer é não precisar de mais ninguém. É ser, até que enfim, independente mesmo. E tudo o que se queira acrescentar a esta verdade será malhar em ferro frio contra o crescente prestígio da morte em nossos meios artísticos e sociais. Todavia, o certo é morrer o menos possível e sempre à última hora. A independência é a pior das solidões.

A morte está cada vez mais distante? Não: “[...] no mar, como no lar, na guerra como no retiro, a morte sempre se encontra perto de nós”⁴⁶. Nós é que nos afastamos, cada vez mais, da ideia de morte. E nos afastamos porque sabemos e sentimos que *a independência é a pior das solidões*. Só nos resta, então, seguir o conselho do poeta: *o certo é morrer o menos possível e sempre à última hora*.



Montaigne⁴⁷ conta que estava a apenas uma légua de casa quando decidiu parar e registrar uma nota em seu caderno: “[...] mas me apressara em escrevê-la porque não estava certo de não morrer antes de entrar” e, logo em seguida, nos aconselha: “Na medida do possível andemos sempre de botas e prontos para partir e, em particular, não tenhamos negócios a tratar senão com nós mesmos”.

Se pararmos para fazer um *inventário* das histórias de morte que conhecemos, é certo que encontraremos exemplos tão inusitados quanto os citados por Montaigne: “Houve quem sucumbisse em consequência de uma semente de uva engolida; outro, imperador, morreu de uma arranhadura feita com o pente; Emílio Lépidio em virtude de uma topada na porta de casa; Aufídio por ter batido com a cabeça no batente da entrada da sala do Conselho”. Para o filósofo, só através de uma reflexão constante a respeito da morte é que poderíamos ultrapassar a *vantagem maior* que ela possui contra nós: “Ao tropeço de um cavalo, à queda de uma telha, à menor picada de alfinete, digamos: se fosse a morte! e esforcemo-nos para reagir contra a apreensão que uma tal reflexão pode provocar”.

Durante o Mestrado em Antropologia, realizei um estudo sobre a experiência da enfermidade, partindo do ponto de vista do adoecido e de seus familiares, e pude ver, mais de perto, as íntimas tristezas que moravam nos olhos e no sorriso de Normeide. Pouco tempo antes de descobrir que carregava, em seu corpo, um câncer raro e *agressivo*, Normeide contou que, aos 26 anos, vivia a melhor fase de sua vida: estava cursando a faculdade que tanto desejara,

tinha conseguido um emprego como professora, havia reformado a casa e planejava ter um filho. Mas as conquistas, os planos e projetos futuros, foram interrompidos por uma leucemia de células dendríticas, uma doença complexa não apenas no nome – pouco se conhece, no campo da medicina, sobre as formas de tratamento para esse tipo de leucemia. Normeide trancou a faculdade, perdeu o emprego, parou de comprar móveis novos para a casa e ouviu dos médicos que não poderia “ser mãe” por conta dos efeitos colaterais do tratamento; Normeide passou a conviver diariamente com dores insuportáveis em todo o seu corpo, com as reações adversas da quimioterapia, com a frustração de um transplante de medula que não teve o resultado esperado; Normeide já não podia mais *fingir* que a morte estava morta; Normeide viu “a cara da morte e ela estava viva, viva”⁴⁸.

Norbert Elias⁴⁹ reforça que o desejo de esconder o fim da vida humana individual: “É provavelmente uma reação tão antiga quanto a consciência dessa finitude, quanto o pressentimento da própria morte”. Contudo, se formos capazes de controlar uma parte desse desejo, uma parte do nosso medo, e nos dispusermos a *meditar sobre a morte* no curso de nossa vida cotidiana, tal como nos convida Montaigne, essa atitude poderia, talvez, ter ajudado Normeide a enfrentar o câncer de forma menos dolorosa, poderia nos ajudar a enfrentar a descoberta de qualquer outra doença que ameace diretamente nossa existência, poderia nos ajudar a enfrentar a perda de um ente querido e, quem sabe, até, nos ajudaria a viver melhor. A partir dessa compreensão, passei a questionar minha própria prática enquanto professora de ciências e biologia na Educação Básica – por que durante tantos anos lecionando duas disciplinas dedicadas ao estudo da vida, e das várias formas como ela se apresenta, eu nunca havia discutido com meus alunos aspectos relacionados à morte humana? A resposta me pareceu óbvia: porque eu também preferia fingir que a morte estava morta.

Quando cursei a Licenciatura em Ciências Biológicas, estudei a *vida* em suas variadas dimensões: aprendi sobre o funcionamento das células; sobre hereditariedade e mecanismos de reprodução; sobre a diversidade de seres que habitam nosso planeta e a importância da preservação dessas espécies; incluindo práticas pedagógicas para nos auxiliar – futuros professores – na transmissão desses conteúdos em sala de aula. Quase ao término da graduação, na disciplina Bioética, chegamos a discutir algumas questões relacionadas ao fim da vida, mas essa discussão limitou-se ao conteúdo programático da disciplina. Em nenhum momento do curso, a morte aparece como possível tema a ser discutido nas aulas de ciências e biologia na Educação Básica.

Nos livros didáticos de ciências e biologia, com os quais tive contato em minha trajetória docente, a morte aparece apenas como uma das etapas do ciclo de vida de todas as espécies de

seres vivos e sua importância – como processo biológico – é discretamente mencionada nos capítulos que discutem a ciclagem de nutrientes na natureza. No volume 1 do livro *Biologia em contexto*⁵⁰, no final do capítulo *O que caracteriza a vida?*, encontrei um pequeno texto sobre a morte que começa com a seguinte afirmação: “Uma reflexão profunda sobre a vida tem necessariamente de levar em conta a morte; afinal, todo ser vivo está sujeito a morrer”. Mas, no próprio texto, essa reflexão priorizou somente aspectos biológicos da morte, definida como “o processo irreversível de perda da atividade altamente organizada que caracteriza a vida”. No último tópico, os autores concluem: “Resta-nos pelo menos um consolo: nossa morte, com certeza, criará vida”. Reconheço que a presença desse texto já abre espaço para uma possível discussão em sala de aula, mas é necessário que uma *reflexão profunda sobre a vida* considere os demais aspectos que envolvem a morte para a espécie humana – o medo, o sofrimento e as angústias relacionadas à consciência da nossa finitude –, pois ao receber a notícia da morte de alguém que amamos, o conhecimento de que o corpo dessa pessoa entrará em processo de decomposição, que a matéria da qual é formada será reciclada e *criará vida*, dificilmente nos servirá de consolo.

Nesse sentido, Maria Júlia Kovács – coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) – defende a possibilidade de uma *Educação para a Morte*, que “envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida [...]”⁵¹. Tendo como referência o que foi proposto por Jung⁵² – “O jovem é preparado durante vinte anos ou mais para a plena expansão de sua existência individual. Por que não deve ser preparado também, durante vinte anos ou mais, para o seu fim?” –, propõe a abertura de espaços para uma reflexão sobre esse tema em diferentes locais e instituições, destacando escolas e hospitais. Kovács reescreve o pensamento de Jung, adaptando-o ao contexto educacional: “Frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social; da mesma forma, deveríamos também nos preparar, pelos mesmos “vinte anos”, para o fim de nossa existência”⁵³.

Ao assumir a perspectiva de uma *Educação para a morte*, me deparei com um novo questionamento: como falar sobre a morte em sala de aula? E, de modo mais específico, nas aulas de ciências e biologia, na Educação Básica?

No início desse projeto, cogitei a criação de uma sequência didática com o objetivo de discutir a morte humana em suas múltiplas dimensões: biológica, psicológica, sociocultural e espiritual. Mas logo surgiram outras perguntas: Quais seriam os critérios para selecionar os temas que iriam compor essa sequência? Ir para a sala de aula, com temas previamente

definidos, seria a melhor estratégia para alcançar as dúvidas, angústias e medos dos(as) estudantes? Essas perguntas me fizeram lembrar de uma pequena história contada por Eduardo Galeano⁵⁴:

O pastor Miguel Brun me contou que há alguns anos esteve com os índios do Chaco paraguaio. Ele formava parte de uma missão evangelizadora. Os missionários visitaram um cacique que tinha fama de ser muito sábio. O cacique, um gordo quieto e calado, escutou sem pestanejar a propaganda religiosa que leram para ele na língua dos índios. Quando a leitura terminou, os missionários ficaram esperando.

O cacique levou um tempo. Depois, opinou:

— Você coça. E coça bastante, e coça muito bem. E sentenciou:

— Mas onde você coça não coça.

E mais uma vez me perguntei: Ir para a sala de aula, com temas previamente definidos, seria a melhor estratégia para alcançar as dúvidas, angústias e medos dos estudantes? Se eu repetisse essa pergunta para o *cacique* que conversou com o *pastor Miguel Brun*, talvez ele me olhasse com uma certa descrença e me dissesse: *Você coça. E coça bastante, e coça muito bem. Mas onde você coça não coça.*

Foi então que percebi que, para falar sobre a morte em minhas aulas, primeiro eu precisava ouvir o que alunos e alunas tinham, ou não, a temer, a dizer. O diálogo sobre a morte não poderia ser previamente estabelecido, ele deveria ser conduzido a partir das *experiências vividas* pelos(as) estudantes – nessas experiências *vivem* diferentes e parecidos significados.

A expressão *experiências vividas* aproxima-se, aqui, da perspectiva fenomenológica. No primeiro capítulo do livro *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*, Maria Aparecida Bicudo⁵⁵ nos esclarece que, para a Fenomenologia, a *experiência*, em si, é compreendida como *experiência vivida* pelos sujeitos no mundo-vida. Ao buscar os significados que os indivíduos atribuem a determinado fenômeno (entendido como aquilo que se manifesta para uma consciência) se faz necessário o *ir-à-coisa-mesma* ou *ir à experiência vivida*.

Em uma conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, em 2001, Jorge Larrosa Bondía⁵⁶ afirmou que “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”; a experiência poderia, então, ser compreendida como *o que nos acontece, o que nos toca*, e o modo como podemos, ou não, lhe atribuir um sentido. Considerando que existem muitas formas de provar ou experimentar algo ou alguma coisa (olhando, pensando, tocando, gritando, imaginando...), não tenho a pretensão de defender a veracidade de uma única definição para a palavra *experiência*; penso que seja mais apropriado mostrar como algumas concepções, a exemplo do proposto por Bondía,

transmitem uma, entre outras verdades possíveis, para a compreensão das nossas experiências relacionadas à morte e ao morrer:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo).

No início deste texto, argumentei que, diante da morte, sentimentos como medo, angústia, desespero e aflição, ao que parece, sempre conviveram conosco. Mas, apesar desse compartilhar de sentimentos e emoções, cada indivíduo – com sua *personalidade*, com seu *caráter*, com sua *sensibilidade* – vai, ao longo da vida, ao longo do que nos acontece (*ou não acontece*), construindo seu entendimento a respeito da morte. Por outro lado, quando me refiro às nossas percepções individuais, não estou desconsiderando a influência das relações sociais e culturais na forma como vemos os fenômenos que fazem parte do mundo e do nosso mundo. Albert Camus⁵⁷, em *A inteligência e o cadafalso*, sintetizou de forma clara e lúcida essa mediação: “[...] os homens não aprendem o que descobrem nas circunstâncias, mas apenas o que descobrem em sua própria natureza, no contato com a circunstância. Tornam-se o que são”.

Ana Claudia Quintana Arantes⁵⁸, médica especialista em cuidados paliativos, disse, ao término de uma palestra dada ao TED em 2012, que *A morte é um dia que vale a pena viver*. Esta frase, quatro anos depois, se tornou o título de um livro, no qual ela olha para a finitude humana através do olhar, triste, de pessoas que estão morrendo: “Podemos ver as doenças se repetirem no nosso dia a dia como profissionais de saúde, mas o sofrimento nunca se repete [...] Cada dor é única. Cada ser humano é único”. A morte, seja ela provocada por uma doença ou por uma queda no banheiro, é um fenômeno comum a tudo que possui vida. Mas a forma como cada pessoa vive a proximidade de sua morte, a morte de um desconhecido ou a morte de alguém amado, é *única*. E essa compreensão permanece, cada vez mais viva, nos versos do poeta Ferreira Gullar⁵⁹:

Verdade é que cada um morre sua própria morte
que é única porque
feita do que cada um viveu
[...]
por isso
ao morreremos

não perdemos todos as mesmas
coisas, já que
não possuímos todos a mesma
quantidade de sol na pele, a mesma vertigem na alma
a mesma necessidade de amor
e permanência.

Pouco tempo antes de ir ao encontro de estudantes da Educação Básica, para tentar interpretar os significados da morte em suas vozes, sussurros, risos e sustos, eu estava sentada, na sala da minha casa, assistindo a um *seriado médico* na TV, enquanto meu filho, que na época tinha sete anos, estava deitado no tapete desenhando. No episódio que estava sendo transmitido, um psiquiatra acompanhava o caso de um menino que também tinha sete anos e era portador de uma doença rara, para a qual não havia mais tratamento. Ao psiquiatra, é dada a missão de contar ao garotinho que ele iria morrer e, no momento que ele estava dando a triste notícia, eu não percebi que meu filho havia parado de desenhar e estava assistindo ao desfecho da história. Surpreso, ele olha pra mim e pergunta: “Mãe, menino de sete anos morre?”. Eu olhei para o meu filho de sete anos, olhei para o menino na TV de sete anos, e respondi, cambaleando nas pernas e nas palavras, que sim, que as pessoas podiam morrer com qualquer idade.

Quando este projeto foi idealizado, eu havia escolhido, como interlocutores, estudantes do Ensino Médio (etapa da educação brasileira com duração de três anos e faixa etária prevista de 15 a 17 anos de idade), mas a pergunta feita por meu filho, de sete anos, mudou a direção do meu olhar e percebi que garotos e garotas de sete anos, ou menos, também precisam ser ouvidos, interpretados, em suas dúvidas sobre a morte. A partir desse momento, optei por realizar esta pesquisa com estudantes do **Ensino Fundamental** [etapa com duração de nove anos, dividida em **Anos iniciais** (faixa etária prevista de 6 a 10 ano de idade) e **Anos finais** (faixa etária prevista de 11 a 14 anos de idade)]. No entanto, por razões pedagógicas, escolhi especificadamente estudantes dos Anos Finais (do 6º ao 9º ano), considerando que minha formação acadêmica – licenciatura em ciências biológicas – não abrange as séries iniciais do Ensino Fundamental.

A primeira escola que visitei foi o Colégio Clariezer Vicente dos Anjos, uma escola pública municipal, localizada na cidade de Miguel Calmon-BA, que oferece o Ensino Fundamental (Anos Finais), incluindo o EJA – Educação de Jovens e Adultos. E essa não foi uma escolha aleatória. Foi nessa escola onde cursei as últimas séries do Ensino Fundamental e foi onde vivenciei, ainda menina, algumas experiências relacionadas à morte que habitam, até hoje, os corredores incertos da minha memória. Quando o sino tocava, na hora do recreio, eu saía da sala ansiosa e corria para o pátio – 20 minutos era todo o tempo que tínhamos para

comprar o lanche, comer, brincar e ainda contar meus segredos de menina para minhas melhores amigas. Naquele dia, o recreio parecia igual a todos os outros; ainda estávamos começando as brincadeiras e já era hora de voltar para as lições de português ou geografia. Mas quando a aula terminou, descobri algo que eu nunca esqueceria. Em frente a nossa escola havia uma casa com um muro bem alto; na hora do recreio, enquanto brincávamos, uma das filhas dos donos da casa foi estender algumas roupas no varal. Perto do varal havia um fio de eletricidade: ela se distraiu, tocou no fio, levou um choque e morreu, ali mesmo. Eu tinha 11 anos e, naquele dia, voltei para casa em silêncio e pensando: “Enquanto a gente estava comendo, brincando, rindo e correndo, aquela moça, tão nova, tão bonita, estava morrendo...”.

Em minha busca por relatos de experiências de vida e morte entre estudantes do Ensino Fundamental, visitei, também, a Escola Municipal Abigail Feitosa, uma escola pública municipal, localizada na cidade de Senhor do Bonfim-BA, que oferece o Ensino Fundamental (Anos iniciais e Anos finais). E essa escolha, assim como a primeira, foi guiada por minhas experiências pessoais. Nessa escola, trabalhei durante alguns anos como professora de ciências e foi lá que comecei a escutar *histórias* relacionadas à morte, contadas por estudantes, antes mesmo de pensar na realização deste trabalho. Uma manhã, enquanto eu fazia a chamada para dar início à aula, um dos alunos do 7º ano me interrompeu e disse: “Pró, essa é nossa última semana na escola [dele e da irmã]. É que meu pai morreu e vamos morar em outra cidade”. E antes que eu pudesse falar qualquer palavra de lamentação ou consolo, ele completou: “Meu pai discutiu com alguns vizinhos e, ontem, quando saiu, esses vizinhos mataram ele na esquina de casa”. Depois virou para o lado e foi conversar sobre outro assunto com os colegas.

Volto a Montaigne: “Não vamos, somos levados...”. E, a cada passo, “A interrogação se mantém viva porque a compreensão do fenômeno não se esgota nunca”⁶⁰. Que caminho metodológico eu deveria percorrer para que meninos e meninas, em sala de aula, compartilhassem comigo suas experiências íntimas relacionadas à morte e ao morrer? Nas duas escolas, escolhi uma turma de cada série (do 6º ao 9º ano) e realizei *entrevistas* em grupo com um total de 154 estudantes. Professores e professoras, gentilmente, cederam algumas de suas aulas e, em cada turma, logo após fazer uma rápida apresentação dos contornos da pesquisa, pedi apenas que cada um se sentisse livre para falar sobre suas experiências – neste estudo o termo *entrevistas* está sendo utilizado apenas como sinônimo da abertura de espaços para o diálogo sobre a morte em *sala de aula*. Não estabeleci um roteiro prévio com perguntas, eu apenas entrei nas salas disposta a ouvir tudo aquilo que eles e elas quisessem contar. E, aos poucos, cada um foi encontrando um jeito de se expressar: de forma oral ou por escrito.

Marco Polo, em um de seus diálogos com Kublai Khan, diz que “Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”⁶¹. Em cada uma dessas turmas, passei aproximadamente duas horas ouvindo e anotando experiências individuais, percepções, reflexões, indagações e imaginações – todos esses relatos, os que escutei e os que recebi por escrito, foram interpretados e transformados em um pequeno conjunto de *histórias*, reunidas na **Parte II** desta obra. Os nomes que aparecem nas *histórias* resultantes do trabalho de campo são fictícios. Critérios como confidencialidade, anonimato, legalidade, profissionalismo e privacidade – apontados por Jonathan Grix⁶² como fundamentais para qualquer estudo envolvendo pessoas – estiveram presentes em todas as etapas desta pesquisa.

Os principais significados que consegui captar nas palavras, nos gestos, nos olhares apreensivos, nas conversas paralelas e nos risos, quase sempre, contidos, estão vivos nessas *histórias* reinventadas sobre a morte. Mas tenho quase certeza de que cada leitor fará suas interpretações das minhas interpretações. Carl Leggo e Pauline Sameshima⁶³, autores que defendem uma série de contribuições da escrita criativa na pesquisa educacional, dizem estar cientes que “a história é uma entre muitas histórias, uma entre muitas versões da história”. Em um fragmento póstumo de 1887, Nietzsche⁶⁴ já havia nos provocado: “[...] fatos não há, só interpretações”.

No *Livro dos Abraços*, Galeano⁶⁵ perguntou: “O que é a verdade? A verdade é uma mentira contada por Fernando Silva”. Galeano revela que Fernando, ao trabalhar como médico, “[...] cura tocando. E contando, que é outra maneira de tocar”. Se contar for mesmo *outra maneira de tocar*, espero que essas *histórias* abram espaço em alguma consciência para diálogos íntimos sobre a morte. Não espero que deixemos de temer a morte: o medo da morte faz parte do amor à vida. O próprio Montaigne⁶⁶, que tanto nos aconselhou a meditar sobre nossa finitude, reconheceu que “Como é impossível que encontre a calma sob o peso desse temor, se o pudesse dominar inteiramente – o que está acima das forças humanas – estaria a alma assegurada contra a inquietação, a ansiedade, o medo e tudo que nos aflige [...]”. Espero apenas que todos nós tenhamos menos medo de falar sobre a morte e, quem sabe, conversando e meditando sobre a morte, possamos ouvir melhor as inquietações das nossas próprias vidas.



Na introdução do livro *Psicanálise e Literatura*⁶⁷, Jean Bellemin-Noël compartilhou um pequeno trecho escrito por Freud: “Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu

testemunho deve ser altamente estimado, pois eles conhecem muitas coisas entre o céu e a terra, com que nossa sabedoria escolar não poderia ainda sonhar”.

Caio Fernando Abreu⁶⁸, com toda sua intensidade e desespero de viver, escreveu que “A vida é apenas uma ponte entre dois nada e tenho pressa”. Para atravessar essa ponte, eu escuto todos os dias o *testemunho de poetas e romancistas*. Foi através de suas vozes, guiando meus passos, que este trabalho começou a viver.

Galeano⁶⁹ testemunhou o poeta Juan Gelman perguntando a si mesmo: *Quem são os meus contemporâneos?*

Juan diz que às vezes encontra homens que têm cheiro de medo, em Buenos Aires, em Paris ou em qualquer lugar, e sente que estes homens não são seus contemporâneos. Mas existe um chinês que há milhares de anos escreveu um poema, sobre um pastor de cabras que está longe, muito longe da mulher amada e mesmo assim pode escutar, no meio da noite, no meio da neve, o rumor do pente em seus cabelos; e lendo esse poema remoto, Juan comprova que sim, que eles sim: que esse poeta, esse pastor e essa mulher são seus contemporâneos.

Juan Gelman, Galeano, Montaigne, Exupéry, Clarice, Mia Couto, Rubem Braga, Antônio Maria, Miguel Torga, Ítalo Calvino são alguns dos escritores com quem compartilho minhas inseguranças, meus medos e minhas saudades ao refletir sobre a vida e a morte: são alguns dos *meus contemporâneos*. Todos eles me ajudaram a compreender que diante da morte quase não sobrevivem argumentos: o mais importante são os sentimentos. Esses autores me leram enquanto eu os lia e vivia.

Todas as *histórias* que compõem este trabalho são *histórias* vividas, sentidas, reinventadas e imaginadas. São *histórias* que refletem não a morte, mas, sim, o que podemos interpretar e arriscar a discutir: ***A morte nos vivos.***

Parte I

Revivendo a vida na morte

*Se fosse escritor, anotaria as mortes que
mais me impressionaram e as comentaria, pois
quem ensinasse os homens a morrer,
os ensinaria a viver.*

Montaigne¹

Minha mãe, meu travesseiro...

Já era noite quando cheguei do trabalho e encontrei meu filho, acordado, esperando meu colo para que pudesse dormir. Quando me viu, ele veio correndo para os meus braços e, dentro do nosso abraço, lembrei de quando ele era eu.

Lembrei daquelas noites em que ela chegava do trabalho cansada e encontrava meu irmão e eu esperando, ansiosos, por sua chegada. Depois dos beijos e abraços, ela fingia uma bronca e nos colocava na cama, deitava conosco e, às vezes, acariciando nossos cabelos, cantava bem baixinho:

*Encosta a tua cabecinha no meu ombro e chora
E conta logo tua mágoa toda para mim
Quem chora no meu ombro eu juro que não vai embora
Que não vai embora, porque gosta de mim*

Eu nunca contava minhas mágoas de menina e minha mãe, intuindo meu silêncio de menina assustada, beijava os meus olhos e me fazia dormir. Hoje, quando o mundo me assusta e não consigo dormir, fecho os olhos, faço de conta que meu travesseiro é o ombro dela, choro e, sem dizer uma palavra, lhe conto tudo, tudo...

Discurso, discurso!

Cresci ouvindo os discursos do meu avô. Em cada reunião de família, em cada aniversário, eu ficava esperando o momento em que todos começariam a gritar:

– *Discurso, Discurso!*

Meu avô, cheio de orgulho, levantava os braços e dizia, com a voz enfeitada, palavras bonitas e engraçadas – menos para minha avó, a única que nunca achava graça nas brincadeiras do meu avô. Ela sempre reclamava e resmungava: “Esse *véio* está cada dia mais caduco”. E quando meu avô tentava, brincando, tocar o seu corpo, aí a confusão estava feita: “Sai de perto de mim *véio* chato” e a gente tentava disfarçar o riso para não piorar a situação.

Eu adorava ouvir as histórias contadas por meu avô. Toda semana eu ia visitá-lo e passava uma parte da tarde me divertindo com os casos mirabolantes que ele se esforçava para inventar e eu fingia acreditar; entre um caso e outro, ele sempre pedia: “Minha *fia*, traz um *menorzinho* [café]”. Depois do *menorzinho*, se estivesse sozinho, aproveitava para fumar escondido um cigarro. Nessa hora, se alguém chegasse em casa, apagava rapidamente o cigarro em seu cobertor que, naquela altura, já estava cheio de furos. Numa dessas empreitadas, o cigarro não apagou, o fogo se espalhou pelo lençol, pelo colchão e invadiu todo o quarto.

Com a ajuda dos vizinhos, que correram para apagar o fogo, meu avô sobreviveu ileso ao incêndio do quarto. Mas, três meses depois, teve uma crise de pneumonia, que se agravou por causa do cigarro; o coração não aguentou e ele morreu. Quando cheguei ao velório, encontrei minha avó, deitada em sua cama, aos prantos e gritando “Como vou viver sem meu *véio*, foram 50 anos juntos, ô meu Deus...”. Eu fiquei olhando aquela cena sem entender por que minha avó estava daquele jeito, se eu achava que ela nem gostava do meu avô. E foi preciso alguns anos e cicatrizes para que eu pudesse compreender o amor e a dor da minha avó.

Meu avô morreu aos 92 anos e na hora do seu enterro, quando terminaram os cânticos e orações, com a família toda reunida em volta do caixão, senti vontade de gritar:

– *Discurso, discurso!*

Mas as palavras tinham se perdido da boca do meu avô...

Renascendo

Marcelo, meu primeiro filho, nasceu prematuro. Na hora do parto, o médico – um jovem recém-formado – e a parteira discutiam, na minha frente, o que deviam fazer:

– Acho melhor transferi-la para um hospital com mais recursos, em outra cidade. Ela não tem passagem. E não temos um anestesista para uma cesariana de emergência.

– Doutor, não vai dar tempo, a criança já está nascendo.

– E agora? Já pensou se a mãe, ou a criança, morrem? Vai ser uma confusão neste hospital, nesta cidade. Tinha que ser hoje? Justo no meu plantão!?

Uma outra parteira, que também estava na sala, vendo que minhas pernas tremiam mais de medo, do que de dor, segurou em minhas mãos e perguntou:

– Você confia em Deus? Tenha fé. Seja forte. Seu filho vai nascer.

Marcelo nasceu. E, quando ele chorou, eu também chorei a dor, o desamparo, a felicidade e os medos de uma mãe que tinha acabado de renascer.

Meu amado e desconhecido pai...

Nunca conheci, intimamente, o meu pai.

Quando o vi, pela primeira vez, eu tinha 15 anos. Antes disso, havíamos nos falado algumas vezes, por telefone, sempre no dia do meu aniversário. Aos 18 anos, em meu primeiro casamento, ele apareceu de surpresa. Foi a segunda vez que nos vimos e, com a ternura e a cumplicidade de um pai desconhecido, me levou ao altar.

Na terceira vez que nos vimos, meu casamento tinha terminado há poucos meses. Ele disse que gostaria de ficar mais perto de mim, até fez planos ingênuos de morarmos juntos... E só nos reencontramos três anos depois, quando levei meu primeiro filho para conhecer o avô. Achei que ficaríamos mais próximos, que o receberia para passar alguns finais de semana em minha casa, que meu filho aprenderia a chamá-lo de vovô. Mas, desta vez, encontrei meu pai triste, com o corpo e a alma adoecidos, desacreditado do mundo e de si mesmo.

O trabalho, a rotina de estudos, um filho pequeno, os afazeres domésticos, me mantiveram, como sempre foi, afastada de meu pai. Eram boas desculpas para justificar minha ausência, mas, na verdade, eu não suportava ver meu pai daquele jeito, com o corpo, o rosto e alma debilitados.

Na última vez que nos vimos, conversamos, com sinceridade,

pela primeira vez. Ele me disse que não queria mais viver daquele jeito, que não suportava mais olhar o rosto que lhe olhava no espelho e que, todos os dias, orava para morrer logo. Eu disse que o amava, pedi, chorando, que ele não desistisse de viver e fui embora fazendo promessas que eu enfrentaria minha dor, minha covardia, e traria meu pai para perto de mim.

Uma semana depois meu pai morreu e eu nunca perguntei quais foram os seus sonhos, e se ele ainda tinha sonhos, qual era sua comida favorita e suas lembranças mais bonitas, nunca perguntei sobre as aventuras que ele viveu ou sobre os amores pelos quais mais sofreu... Ali, entendi: nunca, nunca conheci o meu pai...

Vida nova

Conheci Daniel durante o Ensino Médio: ele era tímido, sentava-se sempre no fundo da sala e quase não conversava. Há alguns anos, uma amiga, da nossa época de escola, me contou que Daniel – que já não era mais tão tímido – estava noivo e de casamento marcado. Daniel tinha acabado de concluir a faculdade, estava feliz, ansioso e cheio de planos para uma vida nova.

Essa amiga também me disse que, nas vésperas da festa de formatura de Daniel, ele e a irmã caçula foram participar de um concurso em uma cidade próxima de onde moravam. Para não correr o risco de perder o horário da prova, o pai achou melhor levá-los de carro. Eles haviam percorrido poucos quilômetros, quando um outro carro entrou na contramão e bateu na frente dos sonhos de Daniel – ele, sua irmã, seu pai e os sonhos para uma vida nova morreram na mesma hora.

Poltrona 16

Não lembro com precisão a idade que eu tinha, talvez oito ou nove anos, mas aquela imagem eu nunca esqueci: um salão grande – para os meus olhos de menina – com seis caixões ao centro.

Um ônibus, que saiu da pequena cidade onde eu morava com destino a São Paulo, colidiu com outro veículo e, entre os mortos, seis eram da minha cidade. Todos os mortos foram velados juntos e recordo que um caixão era de criança. Mais tarde fiquei sabendo que era uma menina, que havia morrido junto com a mãe.

Não lembro de mais detalhes sobre esse trágico acidente, também não lembro os nomes dos que morreram, mas lembro de ter escutado alguém falar que só morreram, ou ficaram feridas, as pessoas que estavam sentadas até a poltrona 16. E esse número nunca consegui esquecer.

Não sou supersticiosa, mas quando viajo de ônibus sempre escolho o assento da janela, depois da poltrona 16. Sempre desconfio que a morte está mais perto dos assentos da frente e tento não me aproximar muito dela. Por via das dúvidas, não custa nada me sentar um pouco mais atrás.

As cores da lembrança

Hoje de manhã, quando acordei, abri a janela do meu quarto e olhei para o céu: ele estava cinza. Lembrei que era dia primeiro de maio e que, há oito anos, neste mesmo dia, minha vida amanheceu mais cinza que este céu.

Naquele primeiro de maio, quando acordei, eu sabia, instintivamente, que seria a última manhã que eu passaria ao teu lado: mãe.

Por um tempo, o mundo e a vida perderam algumas cores, tuas cores. Mas a lembrança da tua ternura, do teu abraço, do teu amor, disfarça, em meus olhos, o cinza de certas manhãs.

Além da minha imaginação

Eu não conhecia Marina pessoalmente, só sabia que ela era a filha mais velha de uma amiga, muito querida, de minha mãe. Talvez, por isso, uma de minhas tias tenha me ligado para falar sobre Marina. Ela me contou que Marina estava retornando de uma viagem de férias, acompanhada do marido e de seus quatro filhos pequenos, quando sofreram um acidente de carro. Nesse acidente, apenas Marina sobreviveu: morreram seu marido e seus quatro filhos.

Enquanto minha tia se lamentava, eu fiquei pensando em Marina, pensando no que ela sentiu, ou não conseguiu sentir, ao acordar em um hospital e descobrir que foi a única a sobreviver. Mas, depois de alguns minutos, percebi que minha imaginação era pequena demais para alcançar a dor, o desespero e a solidão de Marina. A palavras também.

Eternerom

Pedi aos meus alunos do 6º ano que inventassem alguma coisa que ainda não existia. Cada um deveria desenhar sua invenção em uma folha de papel, batizá-la com um nome e apresentar aos colegas sua criação. Eles passaram uma parte da manhã imaginando coisas fantásticas e engraçadas: *uma mochila voadora, uma caneta que escreve sozinha, vassouras automáticas, amarrador de cadarços, professor com botão de liga e desliga*, dentre tantas outras invenções que iam despertando desejos e risos. Mas uma invenção, em especial, tocou e ainda toca minha imaginação e meu coração: *Eternerom*.

Emily olhou para os colegas, um tanto envergonhada, e disse, com uma voz doce e tímida, que havia inventado *Eternerom*: “É uma máquina para ressuscitar os mortos, porque não quero que as pessoas que eu amo morram”.

No dia seguinte, contei esta pequena história a um amigo, ele sorriu e me disse que seria melhor que inventassem a máquina de ressuscitar os vivos e me lembrou que esta, sim, poderia salvar muita gente.

Uma tristeza escondida

Eu tinha 13 anos e, como quase todo adolescente, muitos impulsos e a certeza de que eu estava, sempre, certa. Até ali, em meu mundo íntimo e largo, só viviam minha mãe, meu irmão caçula, minhas duas melhores amigas e eu. Mas, em uma tarde de domingo qualquer, minha mãe bateu na porta do meu quarto e disse que gostaria que eu conhecesse alguém. Levantei da cama curiosa e, com um sorriso mal disfarçado em seu rosto, ela me apresentou a Miro; percebi que aquele desconhecido já era muito próximo da minha mãe. Ela estava apaixonada. Três meses depois minha mãe e Miro se casaram, e o sorriso dela, agora sem disfarce, estava cada vez mais presente em seu rosto, em seu corpo, e ela tentava distribuir aquela felicidade em todos os cômodos da nossa casa, do nosso mundo. E o meu ciúme, antes contido, ficava cada vez maior, cada vez menos escondido. O meu mundo parecia mais estreito.

Eu não queria aquele intruso em nossa casa, em meu mundo. Eu não queria a opinião de Miro, seus comentários, seu cuidado, por mais que, às vezes, suas atitudes tivessem boas intenções em me agradar. Eu não me acostumava com suas manias, com suas esquesitices – ele, um evangélico radical, só dormia de calças, porque se Jesus voltasse e ele estivesse dormindo, de short, poderia perder sua vaga no céu.

Hoje, aos 34 anos, olho para esse pedaço do meu passado e vejo minha mãe, sentada na mesa da cozinha, com a mão no queixo, o olhar triste, tentando conciliar as brigas constantes, tentando esconder, de si mesma, as palavras ofensivas que seu marido e sua filha trocavam no café-da-manhã, os olhares provocativos na hora do almoço, o silêncio desastroso na hora do jantar. O riso da minha mãe já tinha desaparecido de alguns cômodos de nossa casa e de sua alma.

Hoje, olho para aquela menina, de 13 anos, arrogante, ingênua, cheia de certezas infantis, e lamento não poder lhe dizer que sua mãe, que minha mãe, não era só uma mãe, era, também, uma mulher que amava, desejava e precisava de Miro. Eu não precisava de Miro. Nunca precisei. Mas, por mais que me custe admitir, talvez, eu precisasse ter falado com Miro antes de sua morte, ter lhe agradecido por ter permanecido ao lado da cama de minha mãe, no hospital, em seus últimos dias de vida, segurando sua mão, acariciando seus cabelos e dizendo o quanto a amava. Não por ele. Por mim. Por entender, hoje, seu amor por minha mãe e por entender, melhor, o amor de minha mãe por ele.

Eu não gostava de Miro, mas, quando penso no modo como ele morreu, sozinho, triste, entregue ao vício da bebida, sinto uma tristeza, sinto um tipo de remorso pela solidão de um homem que morreu abandonado, sem o cuidado e o amor de minha mãe.

Viagem de trem

Seu nome, Danilo, mas poderia ser “mais um”, mais um pobre, viciado e indesejado que andava pelas ruas da cidade. Eu sei que o Danilo pedia dinheiro, incomodava e roubava. Mas, de mim, a única coisa que o Danilo roubava, com sua voz engraçada e desajeitada, eram alguns sorrisos e, sempre, uma prece...

Hoje, fiquei sabendo que Danilo foi morto, com três tiros, próximo à linha do trem e lamento mais por sua vida que por sua morte, lamento e compreendo, com um pouco mais de lucidez, o que nos disse o escritor Mía Couto: “Para alguns, a vida sepulta mais que a morte”.

Por Danilo, faço, então, minha última prece: que você faça uma bela viagem de trem e desembarque na estação dos sonhos que você não teve nem o direito de sonhar...

Solidão

Já faz alguns anos que fui para um festival de jazz, acompanhada de três amigas. Assim que chegamos na pousada, onde ficaríamos hospedadas, todas elas pegaram o telefone para avisar aos pais que havíamos feito uma boa viagem: tranquila e segura. Uma saiu para ligar fora do quarto; outra entrou no banheiro e a última se sentou ao meu lado e começou a discar. Enquanto eu ouvia (e imaginava), ao longe, as recomendações de cuidado, carinho e amor, senti vontade de chorar. Meu telefone estava em minhas mãos, mas eu não tinha para quem ligar, eu não tinha para quem contar que tinha ficado um pouco enjoada durante a viagem, que a pousada parecia ótima, a cama era confortável e o quarto cheirava bem. A morte da minha mãe tirou de mim aquela voz que certamente me diria, do outro lado da linha, “Não fique na rua até tarde. Já almoçou? Lembrou de levar blusa de frio? Cuidado com tudo e me liga antes de dormir”. Do lado de cá, eu só tinha um silêncio órfão, algumas lágrimas e um sorriso sem graça.

“Duas caras”

Passsei minha adolescência em uma igreja evangélica. Hoje, já não acredito em igrejas e seus dogmas, mas lembro com carinho e gratidão dos momentos em que estive ali, cercada de amigos, amor e proteção. Foi nesse tempo que conheci Eliane. Fazíamos parte de um grupo de coreografias e era sempre divertido passar as tardes de domingo ensaiando os passos que apresentaríamos, à noite, durante o culto.

Apesar de ser um pouco tímida, Eliane brincava e conversava com todo mundo, mas, às vezes, ela chegava aos ensaios, ou ao culto, com o olhar sério, como se estivesse com raiva; não sorria, não brincava e não cumprimentava ninguém. Em nosso grupo de adolescentes, quase todos diziam “Eliane tem duas caras” e, com o tempo, nos acostumamos com seu jeito duplo de ser.

Passaram-se alguns anos, mudei de cidade, parei de frequentar igrejas e os amigos já eram outros. Mas, vez ou outra, ao retornar à pequena cidade onde cresci, encontrava Eliane e nos cumprimentávamos no limite de nossas distâncias – nossos passos, antes sincronizados na mesma coreografia, agora, seguiam em descompasso, em ritmos diferentes.

Depois de um tempo sem ver, ou falar, com Eliane, numa manhã de terça-feira, meu telefone tocou. E do outro lado da linha, a

voz triste, de uma amiga em comum, me falou: “Preciso te contar uma coisa. É sobre Eliane. É difícil de acreditar, mas ela se suicidou... E não foi só isso. Antes, ela tirou a vida do filhinho, que só tinha cinco anos...”.

No dia anterior, Eliane, que era professora, foi para o trabalho, conversou com seus colegas e brincou, carinhosamente, com seus alunos. A noite ligou para seu marido, que trabalhava em outra cidade e, como sempre fazia, contou uma parte de seu dia. Tudo parecia bem. Como qualquer dia...

Foram muitas as tentativas de compreender o que poderia ter acontecido com Eliane. Para a maioria dos membros da igreja, que ela ainda frequentava, tudo aquilo era “obra do demônio!”; outros disseram que Eliane “sofria de forte depressão” [No velório, seu marido passou a maior parte do tempo em silêncio, entre os dois caixões, tocando no rosto do filhinho, tocando no rosto de Eliane. Ele não parecia culpá-la. Também não parecia tentar entender o incompreensível].

Em meio a tantas suposições, lembrei da nossa adolescência, pensei em todas as vezes que chamamos Eliane de “duas caras” e nada fizemos para tentar entender as expressões do seu rosto e o que se passava em seu coração. Poderíamos ter feito alguma coisa? Aquele olhar sério, que não sorria, não brincava e não falava, era um pedido solitário e desesperado de socorro? Ela sabia que havia “duas caras” em seu rosto? São perguntas que faço, a mim mesma, sem a ilusão de conseguir me responder.

Sofrer nela e por ela

Penélope, minha cachorrinha, perdeu seu primeiro e único filhote. Quando percebemos que ela estava em trabalho de parto, chamamos, às pressas, um veterinário. Mas o filhotinho já estava sem vida, morto por ter passado da hora de nascer. Na época, o veterinário nos disse que o filhotinho era muito grande e, por isso, o corpinho de Penélope, uma poodle de pelos enrolados e branquinhos, não teve forças para parir.

No outro dia, quando cheguei do trabalho, encontrei Penélope deitada em sua casinha e junto, ao seu corpo, estava um ursinho de pelúcia que ficava em meu quarto, em um cesto ao lado da minha cama. Sozinha, Penélope pegou o ursinho e passou quase duas semanas com ele colado ao seu corpo, pressionando-o em suas mamas cheias de leite. Penélope, talvez, não compreendesse, racionalmente, que sua cria estava morta, mas Penélope, nitidamente, sentia e sofria a morte do seu filhotinho; Penélope parecia buscar, em um bichinho de pelúcia, que não respirava, que não latia, que não se mexia, algum tipo de resposta aos latidos de sua dor...

...Alguns anos depois, Penélope também morreu. E foi a minha vez de sentir, de sofrer e chorar, a ausência de sua alegria e de seus latidos pela casa quando eu chegava do trabalho, era a minha vez de sentir a ausência do seu descomplicado amor.

“Vou contar tudo para o espírito da sua mãe!”

Fui colocar meu filho para dormir e, como todas as noites, ele me pediu para lhe contar uma historinha. Eu, que já estava rouca e cansada por ter passado o dia todo dando aulas, prometi que lhe contaria duas historinhas no outro dia. Marcelo, inconformado, no mesmo instante, me olhou com cara de bravo e disse: “Pois eu vou contar tudo para o espírito da sua mãe!”.

A árvore

Tínhamos a mesma idade: 24 anos. Talvez ele, como eu, também tivesse muitos desejos, sonhos e planos para uma vida longa e feliz.

Naquela tarde, ele estava podando e cortando algumas árvores na pequena roça de sua família. Já estava indo embora, quando resolveu voltar e cortar mais uma. Cansado, se descuidou. E a velha árvore caiu, por cima dele, cortando uma vida que começava a crescer.

O barulho

Quando Paulo me ligou e contou o que havia acontecido, eu, sem saber, ao certo, o que dizer ou o que sentir, perguntei:

– Você estava em casa?

– Sim. E eu escutei.

– Escutou?

– Sim... o barulho. Não sai da minha cabeça. Eu fico escutando o tempo todo... o barulho.

Logo que o dia amanheceu, Paulo escutou o barulho do corpo de sua mãe atingindo o chão. A mãe de Paulo, que tinha pouco mais de sessenta anos e sofria, há algum tempo, crises de depressão, havia pulado da janela do seu quarto, no 4º andar do prédio onde moravam.

Naquele dia, a dor de Paulo também atingiu e fez um barulho confuso, em meu coração assustado, calado.

Abrindo a Bíblia

Abrindo a Bíblia, reencontro versículos que eu lia, ou ouvia na igreja, nas pregações, quando ainda era muito nova:

“O dia da morte é melhor do que o dia do nascimento” (**Eclesiastes 7:1**). Será? Tomara que seja.

“Que homem pode viver e não ver a morte, ou livrar-se do poder da sepultura?” (**Salmos 89:48**). Até onde sei, até aqui, Ninguém...

“Ainda que eu andasse pelo vale das sombras da morte, não temeria mal algum, pois tu estás comigo; tua vara e teu cajado me protegem” (**Salmos 23:4**). Por muito tempo, fui protegida pela fé. Ainda tenho fé e acredito em Deus. Mas Deus, com o passar do tempo, mudou em mim. Talvez eu que tenha mudado. Pelo sim e pelo não, ainda acredito em Deus e em sua proteção.

“O último inimigo a ser destruído é a morte” (**1 Coríntios 15:26**). Aceitar, como pudermos, a morte é vencer o medo de morrer. Talvez, assim, vencamos a morte.

Desaparecer e morrer

Em 2017, ao participar do programa *Sem censura*, Jovita Belfort falou sobre o desaparecimento de sua filha, Priscila Belfort, que, em 2004, saiu do trabalho para ir almoçar e, desde então, nunca mais foi vista: “Pro enterro você sabe o que vai fazer, mas pro desaparecido... você não sabe se vai correr, se você vai nos lugares, se você vai pra polícia. Você fica, assim, desorientada, sem saber o que você faz. A vontade que você tem é de ir pro Cristo Redentor e gritar e todo mundo ouvir: Cadê Priscila?”.

Cadê Priscila?

A pergunta de Jovita, a pergunta de tantas outras famílias que não sabem onde estão suas filhas, irmãos, mães, pais, avós, vez ou outra, aparece em meus piores pesadelos. E assustada, com muito medo, pergunto a mim mesma:

O desaparecido mata mais que o morto?

A pessoa amada morre mais desaparecendo ou morrendo?

Desaparecer é morrer?

As perguntas permanecem e os que esperam seus desaparecidos insistem em fazer estas perguntas, tão doloridas quanto a ausência de respostas.

Bob Marley

Eu estava saindo do banho, quando meu irmão chegou e contou que havia acabado de acontecer um acidente a poucos metros de casa. Terminei de vestir a roupa e fui em direção ao portão, ainda sem saber se me aproximaria do local. Antes que eu pudesse decidir, a polícia, um dos envolvidos e muitos curiosos já estavam, todos, em minha calçada. O suspeito de ter atropelado um homem, que morreu na mesma hora, estacionou o carro na frente da minha casa e, enquanto a polícia o interrogava, os demais expectadores faziam de tudo um pouco: alguns cochichavam, outros gritavam ou sorriam das coisas que o motorista (suspeito e bêbado) dizia, filmavam, tiravam fotos e, no final, aplaudiram quando ele foi algemado e levado pela viatura policial.

Mas, observando com atenção aquilo tudo, eu senti que alguma coisa estava fora do lugar; estava faltando àquela comoção, mesmo passageira, que as pessoas demonstram ter quando presenciam uma tragédia. Foi então que decidi ir ver, mais de perto, o que tinha acontecido. Quando me aproximei do local do acidente e perguntei a algumas pessoas se elas sabiam quem era o homem que havia sido atropelado, descobri que era um morador de rua apelidado de *Bob Marley*, que ficava, quase todos os dias, por ali, pedindo comida num dos restaurantes do outro lado da rua. E uma moça que estava em pé,

ao meu lado, comentou: “Ainda bem, né? Pelo menos era um mendigo louco que não tinha nada, nem ninguém. Já pensou se fosse um pai ou uma mãe de família, ou uma criança que estivesse atravessando a rua?”.

Quando a moça parou de falar, imediatamente, pensei: Meu Deus! Como ela pode pensar desse jeito? Mas, intimamente, eu não podia esconder que eu e, talvez, todas as pessoas que ali estavam, compartilhassem aquela mesma sensação. Não havia ninguém chorando pelo *Bob Marley*, não havia ninguém sofrendo pela partida do *Bob Marley* e os poucos que se lamentavam, respiravam aliviados por, pelo menos, ter sido o *Bob Marley*. Confesso que senti vergonha do meu alívio, senti vergonha dessa e de tantas outras injustiças que acontecem o tempo todo no mundo que criamos, vivemos e ignoramos.

Voltei para casa, triste, lembrando da canção de um outro Bob Marley:

*A estrada da vida é rochosa e você pode tropeçar também
Então enquanto você aponta seu dedo
Outro alguém está julgando você
Ame seu irmão! Você poderia - você poderia - você poderia amar?*

Quem sabe eu, *Bob Marley* e todos aqueles que não choraram por sua morte possam encontrar *Uma luz na escuridão...*

Aládia

Se Aládia ainda estivesse viva, hoje, dia 22 de outubro, ela completaria 72 anos. Nós nunca nos conhecemos, mas já faz um tempo que escuto belas histórias a seu respeito.

Me contaram que Aládia sabia olhar como uma mãe e sorrir como uma criança; que sabia falar com simplicidade e ternura, e sabia, com essa mesma ternura, quando era hora de calar.

Me contaram que Aládia sabia cuidar de todos que estavam a sua volta e que sabia sofrer as dores até daqueles que ela não conhecia – me disseram que se ela assistisse ao *Jornal Nacional* e escutasse qualquer notícia, muito triste, passava o restante do dia chorando a tristeza de desconhecidos.

Me contaram, ainda, que Aládia sabia o que poucas pessoas sabem: amar, só amar... Esse amor era tão grande que existem algumas pessoas, como eu, que aprenderam a amar Aládia só de ouvir falar sobre ela, porque, mesmo em sua ausência, Aládia ainda é capaz de acalantar. E, por isso, sempre que visito seu túmulo falo, intimamente, o quanto lamento por não ter tido, pelo menos, uma chance de lhe abraçar...

Nesses últimos meses tenho pensado mais em Aládia, tenho chorado e dito – na esperança de que ela esteja ao pé da cama a me escutar – que estou grávida de uma menina, que essa menina será sua neta e que, assim como a vovó, também se chamará Aládia. E depois faço uma prece... peço que a minha Aládia chegue a esse mundo com o coração parecido com o da vovó: cheio de ternura, serenidade e muito, muito amor.

#Partiu...

Em minhas aulas de Biologia, geralmente no primeiro dia de aula, peço aos meus alunos para escrever, em uma folha de caderno, seus possíveis epitáfios. Assim que termino de explicar que epitáfios são frases escritas em túmulos, as reações, em todas as turmas, são sempre parecidas. Primeiro surgem olhares apreensivos e assustados, mas logo começam a aparecer frases de todos os tipos: letras de músicas, versos de poemas, versículos bíblicos e, tratando-se de adolescentes, claro, muitas frases engraçadas.

Depois que todos se divertem compartilhando seus epitáfios, refletimos sobre a importância da consciência de nossa finitude e sobre como essa consciência poderia, quem sabe, nos ajudar a viver melhor, com mais responsabilidade sobre nossas vidas e sobre a vida daqueles a quem amamos.

Em uma dessas aulas, João – um menino divertido e querido por seus colegas – fez com que toda a turma desse boas risadas ao ler seu epitáfio:

– **#Partiu céu!**

Depois da aula, partimos para casa sem saber que, um ano depois, João partiria de sua juventude, de sua vida. Espero que João tenha encontrado um céu parecido com ele: engraçado, animado, cheio de vida e humor.

Ser só...

Mãe, hoje, 12 de setembro, você faria 64 anos. E eu não sei como seria teu rosto aos 64 anos. Não sei se o som da tua voz estaria diferente. Não sei se o castanho claro dos teus olhos estaria mais escuro ou mais sereno. Não sei se os teus cabelos estariam brancos, ou se você continuaria pintando os cabelos todo mês. Não sei se o teu sorriso ainda teria a mesma ternura. Não sei se você riria e concordaria com as decisões que tomei. Não sei...

Em minha memória você não envelhece. O tempo passa e você sempre tem 52 anos, teus cabelos são pretos e ondulados, teu sorriso é terno, mas ando tendo dificuldades para lembrar da tua voz. E teus olhos, ultimamente, estão sempre fechados.

Mãe, tenho medo de daqui a um tempo esquecer, em meu corpo, a proximidade do teu abraço, sinto medo de esquecer das tuas preocupações carinhosas e exageradas, tenho medo de esquecer quem eu era perto de você: uma filha.

Mãe, hoje, acordei com muita saudade de ser só: tua filha...

Parte II

Revivendo a morte na vida dos outros

*Talvez as mortes alheias sejam as que
desenvolvem nossa vida...*

Carlos Fuentes¹

O elevador

Caio foi o primeiro aluno a falar:

- Pró, quando a gente morre é assim: a gente sobe!
- Ou desce! (gritou uma voz do fundo da sala).



Os medos de Ana...

Ana me disse que sente muito medo de morrer: “Tenho medo de perder minha família, meus amigos, meus cachorros e etc.”.

Ana tinha um cachorro que se chamava Negão, mas “ele morreu bem velhinho, por causa de umas feridas no corpo”. O pai de Ana colocava remédio nas feridas de Negão, ele sarava, mas depois de um tempo as feridas voltavam. Um dia, o veterinário disse que não tinha mais jeito e, no outro dia: “Deus levou negão para o céu”.

Na semana seguinte, a cachorra de Ana pariu quatro cachorrinhos, mas “morreram três, só um ficou vivo, ele está vivo até hoje e vai ficar vivo até quando Deus quiser”.

Depois de me contar a história da vida e da morte de seus cachorrinhos, Ana concluiu:

– Eu acho que a morte tem almas...

O alerta

“A morte é um fenômeno da vida”. Foi com essa frase que Gabriel, aos 11 anos, iniciou seu pequeno alerta sobre a vida e a morte:

– Nós nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos. Pode ser de qualquer coisa: infarto, suicídio e alguém ainda pode te matar. É bom ter cuidado!

Vira essa boca pra lá!

– Pró, vou falar a verdade: a vida na Terra está tão ruim, que deve ser bom morrer – disse João.

Alice, que estava do outro lado da sala, gritou:

– Pode morrer João!

– Vira essa boca pra lá, Alice! (E João, por garantia, deu três batidinhas na carteira).

Tudo bem...

Com uma voz tímida, Paula disse que a morte era passageira e inesperada:

– Eu tenho medo, confesso, pois sei que ninguém vai viver pra sempre. Mas a morte é um negócio que vem na hora que ninguém espera. Por exemplo, meu avô estava doente e precisou fazer uma cirurgia. Ele estava se recuperando, já conseguia até andar pelo hospital. E, de repente, ele morreu.

E, Paula, concluiu:

– A morte é um espírito que vem nos buscar. Mas tudo bem... A gente vai virar espírito também!

Uma sombra

Victor, aos 12 anos, chegou à conclusão de que a morte “é uma a sombra que leva as pessoas que a gente ama...”.

A outra margem

O primo de Tainá foi nadar com os amigos: “Ele disse aos meninos que ia nadar bem rápido, para chegar logo na outra margem do rio. Mas quando ele pulou na água, não subiu mais”.

Tainá contou que a morte é assim:

– Depois de um tempo a gente vai dormir e parece que fica vendo aquela pessoa que morreu. Um dia sonhei com meu primo. Ele estava triste e disse que se arrependeu de ter ido nadar no rio.

A escolha

Rose e sua irmã gêmea nasceram “antes do tempo”, no sétimo mês de gestação. Foi um parto complicado e as duas irmãs precisavam de uma incubadora. Mas, no hospital da pequena cidade onde moravam, só havia uma incubadora disponível.

A tia de Rose teve que fazer uma rápida escolha: Rose ficou na incubadora e sua irmã foi levada para outro hospital, em uma cidade vizinha.

A irmã gêmea de Rose morreu no meio, ou melhor, no começo do caminho.

Rose foi a escolhida para crescer, viver...



Os sons da morte

Lívia disse que a morte é muito “barulhenta”:

– As pessoas choram, gritam e ficam desesperadas quando recebem a notícia que um parente morreu.

Isabela discordou:

– Pra mim, a morte é o silêncio, porque a gente nunca mais vai ouvir a voz da pessoa que morreu.

A explicação

Conversávamos sobre a morte. Sara interrompeu a conversa e disse, com convicção, que a morte era uma coisa que não tinha muita explicação. Depois colocou as mãos na cintura e explicou:

– Algumas pessoas morrem sem nem saber por que morreu, mas cada um tem seu dia, sua hora, seu mês, sua vez.

Desaparecidos

Faz alguns meses que o padrinho de Bianca sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral):

– Sabe pró, eu gostava muito do meu padrinho, ele era engraçado e só tinha 37 anos. Eu odeio a morte porque ela faz todo mundo desaparecer.

As idades de Luana

Luana foi rápida e direta: “Eu tenho três histórias de morte”.
E, contando nos dedos, falou:

– Primeiro foi meu pai, que morreu quando eu tinha dois anos.
Ele morreu por causa da diabete e tinha 47 anos.

– A segunda foi minha irmã, que morreu quando eu tinha seis anos, e ela só tinha cinco dias de nascida.

– E meu tio, que morreu ano passado, quando eu tinha 11 anos. Ele morreu depois de levar vários tiros. Não lembro a idade dele...

Uma flor

Para Daniel, a vida e a morte se parecem com uma flor:

– Um dia a flor está linda, no outro ela murcha. A gente também é assim: uma hora você pode estar vivo e na outra: morto! E, com apenas 13 anos, aconselha:

– Viva cada dia de sua vida como se fosse o último, porque amanhã você pode murchar!

Será que é normal?

Lia perdeu o pai aos 11 anos: “Na época, não fiquei muito triste. Eu pensei que era algo normal”.

Hoje, aos 14 anos, Lia sente-se confusa:

– Agora eu sinto muita saudade do meu pai. Eu queria ter um pai. Será que isso é algo normal na minha idade?

Espera e supera

– Perdi minha mãe em 2015, um mês depois do meu aniversário de 10 anos.

Joana, que agora já tem 14 anos, contou que foi um choque muito grande: “Eu nunca pensei que isso poderia acontecer comigo”.

Um ano depois, a avó paterna de Joana faleceu. Depois foi a vez do tio. E, no início deste ano, morreu outro tio:

– É triste. A gente não espera, mas supera...

A bicicleta

O tio de Luís foi trabalhar em uma fazenda e prometeu que, quando voltasse, lhe daria de presente uma bicicleta. Dias depois, nessa mesma fazenda, o tio de Luís foi pescar, o barco virou e, infelizmente, ele morreu.

– Quando eu recebi a notícia desmaiei e passei três dias sem conseguir parar de chorar. Depois percebi que não adiantava chorar, porque se meu tio estivesse me vendo, não iria gostar. Meu tio é meu anjo, porque ele me protege quando ando de bicicleta



Pessoas especiais

Laura me perguntou:

– Pró, a senhora sabe por que a morte é uma coisa tão ruim?

E, antes que eu tentasse responder, ela mesma respondeu:

– É porque ela leva as pessoas especiais. E é uma coisa que vai e não volta...

Por que a gente morre?

Apesar da timidez, Mariana, de treze anos, contou que já perdeu três pessoas de quem ela gostava muito:

– Primeiro eu perdi dois amigos de uma só vez. Os dois foram nadar em uma lagoa, um deles começou a se afogar, o outro foi tentar salvar e, também, morreu. Depois eu perdi minha avó, ela teve um infarto ano passado. Eu acho que a morte é quando Deus não quer mais que as pessoas sofram na Terra. Eu sei que dói, mas a gente morre é pra não sofrer.

Mais ou menos

“A morte é uma coisa muito ruim” – disse Martha. Dudu discordou:

– Eu acho que a morte é mais ou menos. É mais porque dizem que quem crê em Deus vai para perto dele... É menos porque a gente vai deixar nossa mãe, nosso pai e as pessoas que a gente gosta. Entendeu?

O dia de amanhã

André tinha 12 anos quando seu cachorro morreu. Ano passado, o cachorro de André estava caçando um gato. O gato, em fuga, atravessou a rua correndo; o cachorro foi atrás, mas veio um carro e atropelou o cachorrinho:

– É bom aproveitar os nossos animais enquanto ainda estão vivos, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã...

A forma da morte

Rafael tem 13 anos e contou que quando seu avô estava morrendo, chamou pelo nome da mãe dele:

– Isso me fez pensar que quando a morte vem nos buscar, ela aparece na forma das pessoas que mais amamos.

Deus X Morte

Em uma folha de caderno, com letras grandes e redondas, ela escreveu: “Deus X Morte”. Logo abaixo, com letras menores:

– Tenho 13 anos e sou uma pessoa muito cicatrizada. Sem amigos. Sem alegria. São tantos problemas, tantas dores, tantas aflições. Às vezes, eu penso que a morte é a melhor solução, que a morte é minha única amiga. Mas eu, também, penso que Deus é a solução para todos os meus problemas.

Hora certa?

Samuel, aos onze anos, tem uma opinião sobre a morte:

– Para criança é ruim. Errou a hora. Mas para os idosos é bom, porque chegou na hora certa.

Mudança de status

Quando o assunto é a morte, Rebeca [que tem 14 anos] disse que prefere não falar, pois já sofreu muito com a morte de pessoas que ela conhecia há anos. Ainda assim, resolveu abrir uma exceção:

– Eu cresci indo visitar minha avó todo domingo. Ano passado ela ficou doente e eu fiquei muito triste e preocupada. Numa sexta-feira, quando eu cheguei na escola, entrei no Facebook e vi que minha prima tinha mudado o status para *Luto*. Fiquei sem querer acreditar, mas, quando cheguei em casa, meu irmão me falou que minha avó tinha morrido e eu também mudei o meu status.

E Saulo, após ouvir a história de Rebeca, deu uma sugestão:

- Pró, a página da pessoa que morre continua igual no Facebook. Deveriam mudar o status: *Morto!*



A vontade de Deus

Bete tem 12 anos e disse que a morte não é um assunto pra gente ficar falando:

– Eu, que já perdi meus avós e um primo, fico muito triste com isso. E pior vai ser quando eu perder meus pais. Eu nunca imagino a minha morte e nem quero que seja da vontade de Deus”.

Dia 24

Mara disse que nunca vai esquecer o dia 24 de agosto, dia em que seu vizinho morreu:

– Ele estava no bar, assistindo um jogo. Chegaram dois assaltantes e pediram o dinheiro e o celular de todo mundo que estava lá. Por azar, na hora que meu vizinho foi pegar o celular, o celular tocou. Um dos assaltantes achou que ele tinha ligado para a polícia e, na mesma hora, atirou na cabeça dele.

Mara contou que a mãe do seu vizinho, ao receber a notícia, ficou desesperada e dois meses depois, no mesmo dia 24, também morreu. E Mara, com apenas 14 anos, chegou a uma conclusão:

– Tristeza também pode matar.

A teoria

Maria disse que não existe essa coisa de céu ou inferno, lado bom ou ruim. A pessoa apenas morre e o que resta são seus ossos enterrados no chão. No entanto, Maria leu, em algum lugar, uma teoria que, para ela, faz sentido:

– Uma pessoa morre, outra nasce... então a luz no fim do túnel que a pessoa enxerga quando está morrendo é, na verdade, a luz do hospital no momento em que ela está saindo da vagina da mãe. Pode ser e isso também justificaria porque os bebês nascem com cara de velho.

Acerto de contas

Gustavo, aos 12 anos, disse que quando uma pessoa morre, será contabilizado o número de pecados que ela cometeu:

– Se você tiver muitos pecados, vai para o inferno, mas se você for bondoso, não matar ninguém, não mentir e não desobedecer seus pais, aí você vai para o céu.

A morte é uma pergunta?

Marina tem 13 anos e, pensando na morte, me fez algumas perguntas:

- Como é a sensação de morrer?
- O que acontece depois que somos enterrados?
- Para onde vão as almas?
- Existem almas?

O pão

O primo de Vanessa foi comprar pão. Na volta para casa, aceitou a carona de um amigo que estava de carro. Algumas ruas depois, o amigo perdeu o controle do carro, bateu em um muro, e o primo de Vanessa, que estava sem o cinto de segurança, morreu:

– A morte do meu primo trouxe muita tristeza para minha família. Ele tinha 15 anos, só era três anos mais velho que eu, e não estava fazendo nada de errado. Ele só saiu para ir comprar o pão.

Outra forma de morrer

Nanda acha que a morte não deveria existir: “É que a morte traz muita dor e sofrimento. Eu tenho muito medo da minha mãe morrer, porque nunca imaginei viver sem ela”.

E, depois de pensar um pouco mais, Nanda acrescentou:

– Uma morte pior, também, é quando você tem uma amiga e vocês param de se falar. Essa pessoa está viva, mas a amizade morreu.

Os desejos de Davi...

Davi tem 11 anos e, como a maioria dos meninos de sua idade, ele deseja muitas coisas: celular, computador, videogame, bicicleta...

Mas tem uma coisa que Davi não quer:

– A morte é uma coisa que eu não quero ter: nunca!



Um tiro: duas mortes

Sabrina levantou a mão e disse que gostaria de contar uma história:

– É sobre minha tia. Ela descobriu que estava grávida, mas quando contou ao marido, ele não aceitou que o filho fosse dele, disse que era de outro homem. Ele tinha uma arma em casa e, no mesmo dia, matou minha tia. Minha avó, até hoje, chora toda vez que fala da minha tia. Foi muito triste: um tiro, duas mortes.

Muita sorte

Beto estava na casa do tio. De vez em quando, ele e a prima pegavam, escondido, a velha espingarda do tio para brincar. Num desses dias, a prima mirou na direção do peito de Beto e, sem saber que a arma estava carregada, disparou:

– A bala furou minha blusa e saiu um pouco de sangue. Doeu que só. Minha prima ficou desesperada achando que a bala tinha atravessado. Mas a bala ficou enganchada no meu peito. É que a mola da espingarda estava fraca. Então, eu puxei a bala do peito e passei uma pomada. Foi muita sorte, principalmente, porque, até hoje, minha mãe não sabe. Ela teria me matado!

Faltas

- Eu sinto falta do meu avô...
- Minha mãe sente falta da mãe dela...
- Minha tia sente muita falta do filho dela...
- Eu sinto falta do meu pai...
- E, quando eu morrer, será que alguém vai sentir minha falta?

A luz e o escuro

Luan disse aos colegas que a morte é o escuro:

– Quando a pessoa morre, os olhos ficam fechados pra sempre, tudo fica escuro. Depois, colocam a pessoa em um caixão, dentro de um buraco escuro.

Carina disse que nem sempre é assim, que a alma das pessoas boas encontra uma “luz no fim do túnel”.

Os escolhidos

– Eu acho que a morte é um sono profundo – disse Thiago (11 anos).

– Mas tu acredita que um dia os mortos vão acordar? – perguntou Lucas (12 anos).

E, Thiago, respondeu:

– Sim. Depois acontecerá o arrebatamento e todos acordarão. Aí, nesse dia, Deus escolherá o seu povo e Satanás os seus.

As partes da morte

Felipe, aos 12 anos, acha que a morte é boa e ruim.

– A parte boa é que sem a morte o mundo ficaria muito cheio, ou seja, a morte tem que existir pra caber todo mundo aqui. A morte faz parte da nossa natureza.

– A parte ruim é porque eu tenho medo de atravessar a rua e ser atropelado por um carro.

O que é a morte?

– A morte é um susto. Você pode morrer brincando, acordado, dormindo e até conversando.

– A morte é uma solução perdida.

– A morte é uma praga que vem do além para tirar a felicidade das pessoas.

– A morte pode ser a salvação eterna ou a destruição eterna: depende do que você foi na Terra.

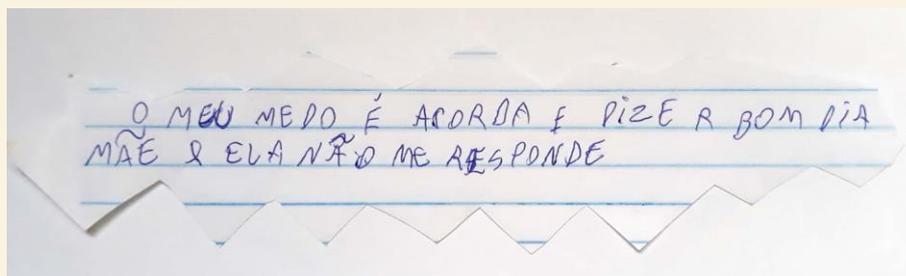
– A palavra morte é uma blasfêmia. É bom evitar...

– A morte é como se fosse um trem bala.

O maior medo

Eu ouvi, atentamente, as histórias que cada estudante me contou sobre a vida e a morte. No fim da nossa conversa, Pedro, um garoto de 11 anos, me entregou um pedaço de papel no qual estava escrito:

– O meu medo é acordar e dizer: Bom dia, mãe! E ela não me responder...



Os mortos

Os mortos veem o mundo
pelos olhos dos vivos

eventualmente ouvem,
com nossos ouvidos,
certas sinfonias
algum bater de portas,
ventanias

Ausentes
de corpo e alma
misturam o seu ao nosso riso
se de fato
quando vivos
acharam a mesma graça

Ferreira Gullar²

Posfácio

Pequenas histórias de vivos e histórias vivas de mortos:

Histórias da mente ou histórias que “mentem”?

Eduardo Galeano¹, um contador de histórias, confirmou: “Os cientistas dizem que os humanos são feitos de átomos...”. Mas Galeano, que também é um encantador de histórias, nos confidenciou: “Os cientistas dizem que os humanos são feitos de átomos, mas a mim um passarinho contou que somos feitos de histórias”. De quantas histórias uma pessoa é feita?

Na **Parte I**, deste trabalho, contei algumas histórias, ou melhor, algumas versões de histórias que ainda estão vivas em minha memória [é difícil caminhar por certos corredores da memória; algumas paredes vão ficando escuras, desbotadas, confusas; às vezes, insisto em pintá-las, mesmo sabendo que, dificilmente, acertarei o tom da cor]. Por que falar da menina que chorava escondida com medo de perder a mãe? Por que falar da solidão, em um quarto de pousada, *onde eu só tinha o silêncio e um sorriso sem graça*? Porque essas histórias revelam e escondem fragmentos do que sou, do que me assustou, do que não sou. Essas histórias me levaram a outras histórias, me levaram a outras salas, onde escutei experiências vivenciadas por meninos e meninas e que, de algum modo, se tornaram minhas: em minha memória, agora, vivem *os medos de Ana*; acho graça dos *desejos de Davi*; imagino a cor da *bicicleta* e das pedaladas de Luís.

Ana, Davi, Luís e cada estudante, que participou deste projeto, interpretaram suas próprias experiências e produziram uma narrativa, um *discurso*. Eu interpretei e reinventei esses *discursos* nas pequenas histórias que compõem a **Parte II** desta obra. Mas se Luís fosse contar a história da morte do seu tio, na hora do recreio, para um colega de classe, ele teria atravessado pelos mesmos corredores de sua memória? De quantas histórias Luís é feito? Existe alguma *verdade* em meio a tantas interpretações? Ítalo Calvino², mais uma vez, nos alerta: “[...] jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”.

Histórias que educam ou histórias que perguntam?

Em praticamente todas as turmas por onde passei, estudantes relataram experiências de morte diretamente associadas a contextos de violência; situações específicas vivenciadas no círculo familiar mais íntimo – o assassinato do pai, da irmã, do avô – ou na casa de algum outro parente ou vizinho. Esses relatos confirmaram a importância de não ignorarmos as diferentes

dimensões – íntimas, sociais, culturais, religiosas e/ou espirituais – que interferem no modo como vamos construindo, ao longo da vida, os significados da morte e do morrer. Para esses estudantes, *morte* e *violência* são palavras que, infelizmente, estão perto demais.

Além disso, esses relatos me ajudaram a perceber, de modo mais expressivo, a importância de não ir para a *sala de aula* com uma sequência ou roteiro didático pré-estabelecido, definido, e que priorize apenas conhecimentos/conceitos de natureza científica como, por exemplo, as funções biológicas da morte para a manutenção do mundo vivo. Se a intenção, ao propor o diálogo sobre a morte nos espaços educacionais, é colaborar para o enfrentamento dos medos, do sofrimento, da angústia que a morte pode provocar em nós, talvez, o caminho mais apropriado seja deixar que os próprios estudantes conduzam a discussão e, aos poucos, vamos tentando ampliar as fronteiras dos olhares, das interpretações, das vozes, das ilusões.

Durante meu exame de qualificação, o professor André Luís Mattedi, meu orientador, talvez, percebendo minha inquietação ao pisar e, tantas vezes, tropeçar em um tema que nos oferece muito mais perguntas do que respostas, compartilhou o trecho inicial da conferência *Educar para o sensível*, ministrada pelo jornalista e professor Muniz Sodré³, na abertura dos trabalhos da Cátedra de Educação Básica da USP em 2021, onde ele diz: “Gostaria de começar lembrando Spinoza: ‘um conceito que não se articula com uma verdade afetiva não vale nada’. Eu acho que essa formulação flutua como se fosse uma baliza em mar de incerteza quando você busca terra firme para escapar a determinadas questões insolúveis”. Muniz Sodré argumenta que o *conceito* é uma categoria teórica confortável, por nos oferecer uma *representação racional e estável* para as ideias, mas, logo em seguida, propõe que “[...] no tocante a certos objetos, por exemplo, racismo, é uma categoria francamente insatisfatória”.

Quando terminamos de assistir a esse pequeno trecho da conferência de Muniz Sodré, Mattedi nos convidou a trocar a palavra *racismo* por *morte* e, desse modo, nos provocou: *no tocante a certos objetos, por exemplo, a morte, o conceito é uma categoria teórica satisfatória?*

Essa provocação poderia ser pensada através de uma rápida ilustração: aula de ciências no 6º ano; a professora entra na sala e apresenta o ciclo de vida de todas as espécies de seres vivos: nascemos, crescemos, reproduzimos, envelhecemos e morremos; depois discute que a morte possibilita a ciclagem de nutrientes na natureza, portanto, do ponto de vista biológico, é um fenômeno indispensável para a perpetuação da vida no planeta e, para exemplificar sua fala, apresenta imagens de seres vivos em decomposição, incluindo seres humanos; um aluno de 11 anos presta atenção, atentamente, às explicações da professora e volta para casa pensando em todos aqueles corpos em decomposição, sendo reciclados, servindo de adubo; no fim do dia,

recebe a notícia que sua mãe sofreu um acidente de carro e, repentinamente, morreu. O que acontecerá com a imaginação desse aluno? O *conhecimento científico* que a matéria orgânica, que compõe o corpo de sua mãe, voltará para a natureza, lhe servirá de consolo? Ele passará a madrugada pensando na ação dos microrganismos sobre o corpo de sua mãe? Ou não lembrará de nada do que foi ensinado em *sala de aula*? São perguntas que despertam outras perguntas. Mas onde estão as respostas?

Se existem respostas, talvez, elas possam estar numa *Educação para o sensível*, num movimento que articule *o que acontece* no mundo com *o que acontece* em nosso mundo: O que a expectativa real da morte provoca em mim? Por que o desconhecido me apavora? Por que a morte nos afeta de diferentes formas? Por que prefiro fingir que a morte está morta? Quando Muniz Sodré defende que “o conceito científico nos abre os olhos, nos abre a mente, mas quem nos abre os ouvidos e os sentidos é o sensível”, volto os meus ouvidos e os meus sentidos para uma possível *Educação para a morte*. E, quando utilizo a expressão *Educação para a morte*, penso num diálogo onde as dimensões conceituais, íntimas, sociais, culturais e espirituais, que envolvem a morte, possam ser ouvidas, compartilhadas, interpretadas e reinventadas dentro e fora de nós. Uma tarefa que nunca será concluída...

Em meio a tantas dúvidas, reflexões e ponderações, pergunto, mais uma vez, a mim mesma: Qual o sentido deste trabalho? Por que escrever histórias sobre a morte? Por que falar em *Educação para a morte*? Existe uma educação que nos prepare para a morte? Por que propor o diálogo sobre a morte, em sala de aula, se esse diálogo não nos protege, por inteiro, da dor, do medo e das sombras que envolvem a morte? Porque, talvez, o poeta e dramaturgo Maurice Maeterlinck⁴ esteja certo: “Não obstante os conhecimentos da nossa vida física e da nossa vida moral se passam tanto na sombra como à plena luz”. As sombras da morte podem iluminar alguns cantos da nossa existência e nos ajudar a encontrar sentido nesse curto espaço de tempo que chamamos de Vida.

“Quando eu soube que ia morrer, eu pensei: vou perder a última temporada do *Game of Thrones*, gente eu não vou saber quem é que vai ganhar a guerra”. Enquanto ria contando sua história para a *Revista Veja*⁵, Ana Beatriz Cerisara sabia que não poderia vencer a guerra contra os três tumores em seu intestino e, por isso, desistiu de qualquer tipo de tratamento. Ela ouviu dos médicos que sua escolha lhe permitiria viver, no máximo, por mais dois anos: “Eu quero ficar na vida, mas não quero ficar na vida a qualquer preço”. Ana Beatriz desistiu da quimioterapia porque, como ela mesmo disse, queria viver: pintou as paredes de seu escritório, voltou a falar com o ex-marido, reformou os armários, comprou orquídeas para enfeitar a casa e percebeu “o quanto era importante falar sobre a morte para outras pessoas, sem a sensação de

fracasso”. Uma de suas decisões iniciais foi se matricular no *Conversas sobre a Morte* – um curso “com orientações sobre como lidar com a dor da perda de pessoas próximas” – e logo na primeira aula, quando precisou explicar o porquê de estar ali, surpreendeu a todos: “Preciso aprender a morrer”.

Todos nós precisamos aprender a morrer. E que bom seria se pudéssemos começar logo nos primeiros anos de nossa existência. Continuaríamos temendo a morte? É certo que sim. Mas poderíamos, quem sabe, vivenciar a nossa própria morte com um pouco mais de lucidez. E com relação à morte do “outro”, a percepção mais real de que podemos perder, a qualquer momento, as pessoas a quem amamos, poderia, talvez, ampliar nossa vida e nossas relações íntimas de amor, gratidão e generosidade. Mas, aqui, cabe uma ressalva: algumas pessoas lidam com a morte não falando sobre ela e o silêncio dessas pessoas não é menos importante que a minha voz ou a que voz de Ana Beatriz. E mais uma vez me vem à memória a frase de Hélio Pellegrino: “Viver – essa difícil alegria”. Cada um vai, como pode, equilibrando seus silêncios e suas vozes diante da vida e da morte.

Histórias que assombram ou histórias que são sombras?

Para a concretização de um possível diálogo sobre a morte, na Educação Básica, precisaríamos, inicialmente, ultrapassar algumas resistências em falar sobre o tema. Maria Júlia Kovács⁶, ao constatar que “O tema da morte não está presente nas escolas, usando-se como argumento a falta de preparo dos professores”, propõe parcerias entre escolas e outras instituições, a exemplo do *Laboratório de Estudos sobre a Morte*, o qual que coordena. Tais parcerias poderiam mediar a abertura de espaços de treinamento, na própria escola, para abordagem de questões específicas: “[...] como falar com uma criança que sofreu a perda de pessoas significativas; como integrar uma criança gravemente enferma nas atividades didáticas e de recreação; como lidar com o suicídio de pessoa conhecida na escola”, questões que nos desafiam, que nos *assombram*.

Quando decidi ouvir o que estudantes do *Ensino Fundamental* tinham, ou não, a dizer, planejei ir em escolas da rede de ensino pública e privada, com o intuito de identificar possíveis semelhanças e diferenças nos significados atribuídos à morte e ao processo de morrer. Para isso, apresentei meu projeto de pesquisa nas duas maiores escolas particulares da cidade onde moro. Na primeira, uma escola regida por freiras, a resistência da coordenação foi imediata: “esse é um tema muito complexo e delicado para ser levado para os nossos alunos”; “precisaríamos da aprovação dos pais”, “não sabemos se eles estão preparados para isso”. Na segunda escola, a

coordenadora foi mais receptiva, disse que a proposta era muito interessante e que logo entraria em contato, mas, até hoje, quase dois anos depois, nunca recebi um e-mail ou ligação.

Nas duas escolas públicas que visitei, o projeto foi aceito com mais facilidade. No entanto, não posso deixar de considerar que em uma dessas escolas eu já havia estudado e na outra lecionado, ou seja, meus vínculos pessoais com a direção e com a coordenação facilitaram o meu acesso aos estudantes. Em uma dessas escolas, participei de uma reunião em que apresentei o projeto a um grupo de professores e, alguns, se posicionaram de maneira incisiva: “Eu não acho apropriado falar de morte nas aulas de ciências. Nas aulas de ciências devemos trabalhar conhecimentos científicos e não esses assuntos que envolvem religião”. É importante mencionar que em nenhum momento, enquanto eu apresentava este trabalho, propus que a morte fosse discutida a partir de perspectivas religiosas. Eu apenas expliquei o porquê de considerar relevante a abertura de espaços, em *sala de aula*, para compartilhamento de experiências, sentimentos, questionamentos e emoções que moldam nossa forma de ver ou, como diria o poeta Manoel de Barros, de *transver* a vida e a morte

Gestores, coordenadores e professores, normalmente, não ficam tão apreensivos para discutir aspectos relacionados ao início da vida, como a reprodução humana ou o desenvolvimento embrionário – são conteúdos “aprovados” para a grade curricular. Mas, de modo geral, a morte segue “reprovada” na grade curricular das instituições de ensino, na “grade curricular” do nosso cotidiano; a morte, mesmo sendo a única certeza na grade curricular de nossa existência, permanece nas *sombras*. O cineasta Woody Allen simplificou: “A morte? Sou totalmente contra”. Mas sabemos: a morte é alheia a nossa vontade ou a nossa opinião. E se não podemos evitá-la, talvez, a melhor estratégia ainda seja seguir o que nos aconselhou Montaigne⁷: “Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir”.

Histórias sensíveis ou histórias invisíveis?

Apesar de ter priorizado, neste trabalho, a morte humana, isso não significa que eu considere a morte das demais espécies animais como sendo de menor importância. Edgar Morin⁸ inicia o prefácio à segunda edição de *O Homem e a morte* com a seguinte afirmação: “Contudo, a espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos”. Em seu livro, Morin segue discorrendo que “É a individualidade humana que se mostra lúcida à sua morte, que é afetada por ela traumáticamente, que tenta negá-la elaborando o mito da imortalidade [...]. A consciência da morte não é algo inato, mas

fruto de uma consciência que compreende o real”⁹. Talvez Edgar Morin esteja certo quando defende que “A morte humana é uma aquisição do indivíduo”¹⁰ e, por isso, a forma como reagimos a ela seja tão peculiar – aos nossos olhos – se comparada com as demais reações no “mundo animal”. Em todo caso, conclusões sobre certos aspectos do comportamento animal despertam, em mim, um sentimento de cautela. O próprio Morin se refere ao comportamento de alguns animais como “um ponto muito importante e obscuro”¹¹, sobre os quais, ele mesmo, levanta os seguintes questionamentos: “Vão se esconder para morrer? Por quê? Qual o significado dos cemitérios de elefantes, animais, aliás, muito evoluídos?”¹². Em uma entrevista a *Deutsche Welle* (DW)¹³, o especialista em comportamento animal Frans de Waal – professor de comportamento de primatas no Departamento de Psicologia da Universidade de Emory, em Atlanta, nos EUA – ilustra algumas reações de grupos animais diante da morte:

Eu me lembro de uma história em que uma mãe babuíno perdeu seu bebê para um predador. Semanas depois, ela voltou à mesma área onde tinha perdido sua prole e subiu numa árvore alta e começou a chamar. Isso indica que ela se lembrava do que tinha acontecido lá e que estava sentindo falta da prole. Com primatas, muitas vezes temos a impressão de que eles se lembram especificamente do indivíduo.

[...]

Alguns pássaros que ficam juntos por toda a vida às vezes até param de comer e morrem se o parceiro morre. Isso é verdade no caso dos gansos, mas também de muitas aves da ordem *Passeri* [que cantam], as quais têm laços de longo prazo.

[...]

Se um elefante morre – o que no momento, com a caça ilegal, ocorre com frequência – os outros elefantes inspecionam os ossos do animal morto se conseguem encontrá-los. Não tenho certeza, porém, se alguém já fez uma pesquisa sobre se os elefantes voltam para quaisquer ossos ou ossos de indivíduos específicos que eles conheciam. Mas o meu palpite é que eles voltam para os ossos um pouco como nós, quando vamos a um cemitério.

Frans de Waal menciona ainda o caso do cachorro Hachiko, no Japão, que inspirou o filme (remake) *Hachiko: a dog's story* (*Sempre ao seu lado*, na versão em português): “Depois que o dono morreu, o cão continuou indo ao trem com o qual o homem normalmente chegava durante dez anos. Sempre que você tem ligações, seja entre um cão e um ser humano ou um gato e um ser humano, você pode ter luto”. É quase improvável que, um dia, consigamos acessar, de fato, o que as outras espécies animais sentem diante da morte. Mas não podemos negar, como defende Peter Singer¹⁴ em *A libertação animal*, que eles são capazes de sentir e de sofrer e, para mim, esse argumento já é suficiente para que a morte desses seres seja incluída em um diálogo mais profundo e mais honesto sobre a morte e o morrer.

Histórias que esperam outras histórias?

Um possível caminho para despertar em estudantes da Educação Básica o interesse em *Meditar sobre a morte* é através da literatura, através de textos que falem à sua consciência e à sua imaginação. Em uma entrevista [sobre literatura] concedida a Carlos Vaz Marques, o jornalista e escritor português Manuel António Pina¹⁵ fala um pouco à nossa consciência, à nossa imaginação:

No fim de contas, o que é que nos leva a escrever, porque é que o Homem escreve? Por que é que o Homem faz Arte? E porque é que os grandes temas da Arte são praticamente os mesmos: o Amor, a Morte, o Tempo? O Amor, através do sexo, está ligado à origem do Ser, a Morte ao desaparecimento do Ser. Ou seja, o Amor e a Morte estão no limiar de, como dizem os astrónomos, dois horizontes opacos. Dois grandes vazios. Dois precipícios.

No Ensino Fundamental (anos finais), geralmente, os(as) estudantes estão saindo da infância e entrando na adolescência; euforia, ansiedades, medos, são muitos sentimentos que se confundem e não demorará para começarem a sentir *o Amor e a Morte no limiar de dois grandes vazios*.

O filósofo Tzvetan Todorov¹⁶ perguntou a si mesmo e o porquê de amar a literatura: “porque ela me ajuda a viver [...]. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo”. A literatura pode nos ajudar a viver com os questionamentos e as angústias que estão entre a vida e a morte e que são, na maioria das vezes, difíceis de sentir e expressar? Acredito que, em muitos casos, sim.

Em *Menina escrevendo com o pai*, segundo livro da *Trilogia do Adeus*, de João Anzanello Carraschoza¹⁷, Bia [a narradora] lembra de quando escutou João, seu pai, já perto do fim, cantar “You got me singing”, do Leonard Cohen:

A letra da música dizia algo como “você me faz cantar, mesmo que a notícia seja ruim, você me faz cantar, mesmo que o mundo esteja acabando”. Aí eu fiquei pensando em quem seria esse “você” para o pai. Quem fazia o pai cantar naquela hora de partida? Eu, o Mateus, o João, minha mãe, todos nós juntos? “Você me faz cantar, mesmo que o mundo esteja acabando.” Eu não sei naquela tarde de domingo, e continuo sem saber agora, quem era esse “você” para o pai. Mas eu gosto de pensar que era a vida, a vida que ainda havia nele. Ela o fazia cantar, apesar de todas as suas dores. A vida, apesar do que estava por vir.

A pergunta de Bia “Quem fazia o pai cantar naquela hora de partida?” me fez pensar, mais uma vez, em minha mãe. Tantas coisas não sei sobre ela. Uma vez, eu devia ter uns oito anos, ela foi fazer uma ligação em um orelhão que ficava a poucos metros de casa. A conversa, pelo menos para mim, já estava demorando demais, e comecei a insistir, reclamar e choramingar

para que fôssemos embora. Minha mãe, ao mesmo tempo que falava num tom risonho e leve com a pessoa que estava do outro lado da linha, me olhou sem sorriso, sem leveza e ainda me deu dois cascudos. E a pergunta de Bia me fez pensar: de quem era a voz que tomou de mim, naquela noite, o sorriso e o tempo da minha mãe e só me devolveu “dois cascudos” de sua atenção? A morte levou embora as perguntas que eu ainda não sabia fazer. Se um livro, uma música, um cheiro, um barulho, ressuscitam essas perguntas, dentro de mim, aprendi, com o tempo e a literatura, a inventar as respostas mais bonitas: imagino que “a voz” era a vida, o amor, pulsando na mulher, que também era minha mãe.

A escritora Isabel Allende¹⁸ conheceu o sofrimento, a dor e o desespero ao ter que se despedir de Paula, sua amada filha. Paula adoeceu gravemente e ficou em coma por um longo tempo. Em todo esse período Isabel esteve ao seu lado, escrevendo para Paula as memórias de sua família, as lembranças de um tempo adormecido no sono de Paula, escrevendo a esperança de que sua filha pudesse, a qualquer momento, acordar. Isabel confia, com tristeza e ternura, que foi aos poucos renunciando a tudo:

“[...] primeiro me despedi da inteligência de Paula, depois de sua vitalidade e de sua companhia, finalmente tinha que me separar do seu corpo. Perdera tudo e minha filha estava partindo, mas, na verdade, ficava comigo o essencial: o amor. Em última instância a única coisa que tenho é o amor que dou a ela”.

Foi o amor que aliviou a dor de Isabel Allende. Quase sempre, só o amor pode aliviar a nossa dor.

Em *Uma luz do chão*, Ferreira Gullar¹⁹ compartilhou um de seus desejos em relação ao texto poético: “[...] pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e dos espíritos dos homens”. O meu desejo, sincero, é que as pequenas histórias que foram escritas a partir das experiências vividas por alguns estudantes do Ensino Fundamental, alcancem outros meninos e meninas, em outras escolas, em outros lugares, e possam em *meio sofrimento e ao desamparo* que as sombras da morte, geralmente, provocam em todos nós, *acender uma luz* em qualquer canto ou direção.

Histórias que tropeçam ou histórias que são pedras?

Quais os significados que estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) atribuem à morte e ao processo de morrer? Essa foi a questão que norteou o desenvolvimento deste trabalho. Como respondê-la? Como apresentar os resultados do meu trabalho de campo? Através de categorias analíticas, gráficos, tabelas e/ou diagramas? Poderia ser. São

possibilidades válidas, relevantes e, de certa forma, usuais em pesquisas acadêmicas. Entretanto, optei por apresentar os resultados deste trabalho na forma de histórias, uma opção que pode *tropeçar* em uma questão abordada por Brent Kilbourn²⁰, em seu texto sobre *Teses Ficcionalis*: “[...] o lugar de formas não acadêmicas de escrita (e outras formas artísticas) na investigação educacional”.

Ao defender que uma peça de ficção poderia ser, também, uma tese, Brent Kilbourn concentra-se em *algumas qualidades* que considera críticas para uma *tese ficcional* e nas técnicas de escrita que poderiam viabilizar essas qualidades, entre as quais enfatiza o *método autoconsciente*:

[...] O autor deve, de alguma forma, deixar clara sua sensibilidade aos movimentos conceituais e metodológicos feitos durante a condução do estudo e na apresentação do estudo como um documento legível. O autor deve mostrar consciência da influência desses movimentos na integridade geral da obra, deve ser capaz de dê uma boa razão para fazê-los.

O conjunto de textos que compõem esta tese se aproximam dessas *outras formas não acadêmicas de escrita* as quais Kilbourn se refere, uma vez que os resultados estão apresentados como uma peça literária: pequenas histórias de vivos e histórias vivas de mortos. A escolha deste formato está diretamente relacionada ao fenômeno central deste estudo – a morte – e de modo mais específico, às experiências de vida e morte que permeiam nossa existência individual. Essas histórias foram escritas na tentativa de transmitir as interpretações e reinvenções que fazemos, todos os dias, da vida, da morte e de nós mesmos: em nós mesmos. Cada um de nós, cada indivíduo é uma *pedra* desta ponte que chamamos **Vida**:

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
 – Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.
 – A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco –,
 mas pela curva do arco que estas formam.
 Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois, acrescenta:
 – Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
 Polo responde:
 Sem pedras o arco não existe²¹.

A morte nos vivos: pequenas histórias de vida e morte. Esta frase poderia ser o título e, ao mesmo tempo, a sinopse desta obra? Talvez. Por via das dúvidas, acrescentei essas breves e transitórias considerações. E agora? Agora...

A vida continua depois do posfácio...

Ao ser diagnosticado com um câncer na laringe, o escritor Rubem Braga recusou qualquer tipo de tratamento médico e seguiu trabalhando, seguiu escrevendo suas belas e intimistas crônicas. Ao que parece, Braga não se deixou intimidar pela sombra da morte nos cômodos de sua casa e de sua alma e tratou de cuidar, ele mesmo, dos preparativos para sua partida. Registrou em cartório o pedido para que seu corpo fosse cremado e orientou seus familiares para que não realizassem velório ou cerimônia fúnebre. Dizem que foi pessoalmente ao crematório acertar os detalhes da própria cremação e que no momento de assinar o cheque, quando lhe perguntaram “Onde está o cadáver?”, com simplicidade, respondeu: “Sou eu!”²².

Rubem Braga morreu alguns meses após a descoberta do câncer. Seu corpo foi transformado em cinzas, suas palavras continuam vivas na pele daqueles que, como eu, são tocados pelo seu jeito único de escrever histórias e sensações que revelam, com sutileza e simplicidade, sentimentos e ressentimentos que vivem sob e sobre nós e que, tantas vezes, não sabemos nem encontrar e nem, tão pouco, expressar.

Na véspera de sua morte, escreveu um bilhete²³ para Roberto, seu único filho:

Rio de Janeiro, terça-feira, 18 de dezembro de 1990

Meu filho,

Após a cremação de meu corpo, providencie que as cinzas sejam transportadas em urna de metal, e não de madeira, e lançadas ao rio Itapemirim. De maneira discreta, sem cortejo e sem quaisquer cerimônias, por pouquíssimas pessoas da família, e de preferência no local que só a sua tia Gracinha, minha irmã Anna Graça, tem conhecimento. De preferência a ilha da Luz, ou a correnteza da ponte de Ferro ou a correnteza da antiga ponte Municipal. Nem o dia deve ser divulgado, tudo isso para evitar ferir suscetibilidades de pessoas religiosas, amigos e os parentes. Agradeça a quem pretenda qualquer disposição em contrário, por mais honrosa que seja, mas não ceda aos símbolos da morte, que assustam as crianças e entristecem os adultos. Viva a vida.

Adeus.

Rubem Braga

Quando terminei de ler esse pequeno bilhete, fiquei com a sensação de que Rubem Braga vivenciou sua morte com lucidez, agradecendo, a seu modo, por tudo aquilo que viveu. Talvez, essa sensação, seja o reflexo de como eu gostaria de vivenciar a minha a própria morte: com serenidade e gratidão. Antes de morrer, eu gostaria de deixar minha casa arrumada, de organizar os papéis que sempre deixo em cima da mesa e jogar fora os restos de comida da geladeira; gostaria de fazer todas as recomendações necessárias aos meus dois filhos (claro, já adultos e encaminhados na vida) e de lhes dizer como a chegada deles encheu minha vida de amor e felicidade; gostaria de beijar meu esposo devagar e lhe dizer, mais uma vez, o quanto

eu o amo e quanto o seu amor me ensinou a viver e a morrer muitas vezes; gostaria de agradecer ao meu irmão por todo o cuidado e afeto e lhe pedir desculpas por ser, às vezes, tão áspera; e gostaria, ainda, de ligar para as minhas amigas mais chegadas e agradecer pela cumplicidade de nossas conversas, pelo colo e pelo riso, quase sempre, nas horas certas (respiro, como a maioria das pessoas, a ilusão que terei uma vida longa e uma morte parecida com a de *Rose*, personagem interpretada por Kate Winslet no filme *Titanic*, que morreu bem velhinha, em uma cama confortável, consciente que, apesar dos *icebergs* que existem no meio do caminho, teve uma vida plena e foi feliz). Na verdade, eu gostaria de viver, envelhecer e morrer com a mesma compreensão da vida e da morte, expressa por José Saramago²⁴ em uma de suas notas, escrita em novembro de 2008, aos 85 anos:

[...] Trato de habituar-me sem excessivo dramatismo à ideia de que o corpo não é só finível, como de certo modo é já, em cada momento, finito. Que importância tem isso, porém, se cada gesto, cada palavra, cada emoção são capazes de negar, também em cada momento, essa finitude? Em verdade, sinto-me vivo, vivíssimo, quando, por uma razão ou por outra, tenho de falar da morte...

No entanto, sei que posso morrer antes mesmo de terminar esse texto ou de lavar os pratos que estão sujos na pia. E sei, também, que ler, falar e escrever sobre a morte não é a mesma coisa que encará-la de frente, sem a possibilidade de desviar o olhar. Quando meu filho mais velho, Marcelo, tinha apenas quatro meses de vida, precisou passar por um processo cirúrgico que seria, aparentemente, simples. Mas a cirurgia, que duraria menos de meia hora, se estendeu por quase duas horas. Eu estava sentada na sala de espera do hospital, desesperada, achando que meu filho havia morrido e que os médicos estavam demorando porque não sabiam como nos dar a notícia. E, em meio ao meu desespero, lembro de ter pensado: há poucos meses eu apresentei (na universidade) meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), falando da importância de aceitarmos a morte como um processo natural, como mais uma etapa do nosso ciclo de vida. Mas e se meu filho tiver morrido? Como vou conseguir viver? Como eu vou encarar as pessoas, o que vou dizer? Naquele momento, a morte era muita coisa, menos natural, para mim.

Meu filho só tinha quatro meses e eu sentia que não era certo, nem justo, levá-lo embora daquele hospital, tão pequenininho, dentro de um caixão. Eu, que tinha acabado de defender, com sucesso, meu TCC, não sabia como me defender do medo de perder meu filho. Marcelo está prestes a completar 12 anos e, faltando poucos dias para a defesa da minha tese de doutorado, ainda tenho dificuldades para me defender do medo que sinto quando penso em sua morte. Nesse momento, penso em uma curta passagem, escrita por Jorge Luis Borges²⁵ em *O*

elogio da sombra, que revela como a nossa passagem, pela vida, é curta e incerta: “[...] Hoje é ontem. És os outros cujo rosto é o pó. És os mortos”.

Hoje, consigo compreender, com muito mais clareza, que estudar a morte e vivenciar a morte são coisas bem diferentes. Por isso, não posso afirmar, com a certeza de que eu gostaria, que mesmo após todos esses anos pesquisando e me esforçando para compreender as várias dimensões que envolvem a morte humana, eu conseguiria agir com serenidade e lucidez diante da minha própria morte e, principalmente, diante da morte das pessoas que amo... “morto amado nunca mais para de morrer”.



21 de março de 2020. Meu aniversário. Eu havia combinado com algumas amigas, semanas antes, um pequeno encontro em minha casa, onde celebraríamos a chegada dos meus 33 anos e, também, a chegada da minha filhinha que nasceria quinze dias depois. Mas, no dia do meu aniversário, minhas amigas não vieram comer o bolo com recheio de abacaxi que eu havia encomendado e, apenas uma delas, lembrou de me ligar para desejar “um novo ciclo cheio de coisas boas”. O motivo? Todas estavam assustadas e apavoradas com os casos confirmados do novo coronavírus, aqui, na pequena cidade do interior onde moramos e no resto do mundo. Poucas vezes em minha vida eu tinha assistido *o mundo* chegar tão perto e de forma severa ao *interior*.

A pandemia da Covid-19 estava tirando a vida de milhares de pessoas em todo o mundo e alterando alguns aspectos do nosso cotidiano. Máscaras, álcool em gel, luvas, suspensão das aulas em escolas e universidades, fechamento de estabelecimentos comerciais, distanciamento social e, às vezes, afetivo, e tantos outros protocolos de segurança que, para a maioria de nós, só existiam nos livros de história e nos filmes de ficção científica de *Hollywood*.

21 de março de 2021. Se aproxima o dia do meu aniversário de 34 anos. E minhas amigas já me disseram que, esse ano, além do bolo de abacaxi, querem brigadeiro e um bom vinho. A pandemia já acabou? Não. Já temos uma vacina com eficácia de 100% disponível para imunizar toda a população? Não. O vírus, enfim, morreu? Não, pelo contrário, novas *cepas* ainda mais resistentes estão circulando no país. Então, o que mudou? Constato que somos capazes de nos adaptar a quase tudo: até a morte pode virar hábito.

A pandemia da Covid-19 nos afetou de diferentes modos. No começo, enfrentei algumas dificuldades de adaptação em meu cotidiano. Minha filha nasceu e não pude contratar alguém para me ajudar com os afazeres de casa. Mesmo de resguardo, tive que amamentar, cozinhar, limpar a casa, lavar e passar as roupas da bebê e ainda encontrar tempo para assistir, nem que

fosse por 10 minutos, um filme com meu filho mais velho, que reclamava todos os dias do tédio de ter que ficar preso em casa, sem poder ir para a escola, para as aulas de inglês, natação, jiu-jitsu. Depois de algumas semanas sem conseguir tempo para lavar o cabelo, dores no corpo, olheiras e um cansaço extremo, percebi que, com ou sem vírus, eu precisava de ajuda. E, quando a ajuda chegou, fui, aos poucos, restabelecendo o equilíbrio da minha vida e dos meus dias. Mas, apesar dessas dificuldades, quando minha licença maternidade terminou, por conta da suspensão das aulas presenciais e implementação das aulas remotas (*on line*), pude trabalhar em casa e ter mais tempo para cuidar da minha bebê. Uma amiga me confessou um dia desses, um tanto constrangida, que graças a pandemia ela teve tempo para fazer a reforma que tanto queria em sua casa. Mas nem essa amiga, nem eu, tivemos que lidar com a morte de uma pessoa muito próxima. Por mais que nos sentíssemos sensibilizadas com a quantidade de mortes noticiadas, todos os dias, não tivemos que enterrar ninguém que amávamos em um caixão lacrado, sem direito a uma cerimônia de despedida.

Cada uma das milhares de pessoas que continuam a morrer, são mães, pais, avós, maridos, filhas, irmãs, cunhados, amigos, companheiros ou o amor de alguém. E cada uma dessas tragédias, individuais, dói mais, para cada pessoa, que todo o “resto”: 2.410.455 pessoas mortas em todo o mundo até o momento em que escrevo este parágrafo²⁶. E, mais uma vez, lembro de Stálin: “A morte de uma pessoa é uma tragédia; a de milhões, uma estatística”.

Penso, agora, em Clélia, amiga querida, que perdeu, esses dias, seu companheiro de uma vida, Hélio Freitas. Sofro em pensar em sua solidão. Em sua dor de mulher que sempre foi tão amada, que tanto amou e ainda ama o seu “Santo”, como carinhosamente chamava seu Hélio. A casa pequena está grande e vazia sem seu “Santo”, sem as pequenas cumplicidades vividas e traduzidas com Hélio, em cada gesto, em cada olhar. E Clélia, certamente, trocaria, se pudesse, as vidas de 2.410.455 pessoas desconhecidas por Hélio sentado ao seu lado na sala, elogiando o cheiro e o gosto do cuscuz na cozinha, ou escrevendo, conversando e rindo de si mesmo e do mundo, com seus amigos, em seu escritório. No coração de Clélia a morte de Hélio é uma “tragédia”. A morte de milhões de pessoas era, até então, um pouco mais que uma “estatística”.

O medo só é medo coletivo quando ameaça nossa individualidade. Quase sempre só pensamos no bem-estar do coletivo quando nosso bem-estar ou o bem-estar de quem amamos é ameaçado.



Ao ser questionada em uma entrevista se acreditava que a alma era imortal, a escritora Lygia Fagundes Telles²⁷ respondeu: “[...] Não posso acreditar que tudo o que somos simplesmente termine com o final da travessia. Sinto que, às vezes, os mortos vêm nos visitar. Acho que eles sentem saudades, como nós”. Ah Lygia, não foram poucas as noites em que fui dormir desejando que minha mãe estivesse sentada, ao pé da minha cama, velando meu sono e protegendo meus sonhos. Como eu gostaria de receber sua visita, nem que fosse uma única noite, eu lhe abraçaria e lhe pediria desculpas por todas as vezes em que eu – uma adolescente birrenta – achei que entendia mais da vida do que ela, desculpas por todas as vezes que não compreendi que ela não era só minha mãe, mas que era, também, uma mulher com desejos, medos e frustrações. Como eu gostaria de poder lhe apresentar seus dois netos e ouvir ela apontar, neles, minhas qualidades e meus tantos defeitos – ela certamente diria: *Marcelo tem os olhos da mãe; esse menino não gosta de acordar cedo porque puxou a você; tenha paciência com Aládia, você também só dormia em meu colo, grudada em mim*. Pensando nisto, me releio em Ítalo Calvino²⁸: “[...] a forma das coisas se distingue melhor a distância”. Desta distância nos vejo melhor.

Em *O Lado Fatal*, livro escrito por Lya Luft²⁹ depois da morte de seu companheiro, o psicanalista Hélio Pellegrino, encontramos uma confissão íntima, verdadeira, dolorosa e bela do que é perder alguém que se ama:

Quando foi bom o amor,
os mortos pedem memórias doces
que não os perturbem,
e que a gente viva
sem muito desgosto:
mais nada.
Pedem silêncio
e que os deixemos em paz.
Os mortos precisam de mais
espaço do que em vida:
nesse seu novo posto
não devem olhar para trás.
(Os mortos querem licença
para morrer mais.)

E se for realmente assim? E se os mortos não *olharem para traz* e precisarem de *licença para morrer mais*? Sinto um aperto no coração e uma vontade de chorar. E prefiro, instintivamente, imaginar, como Ligia Fagundes Teles, que, de vez em quando, Mainha sente saudades e vem me visitar...

No último capítulo de *Paula*, Isabel Allende³⁰ escreveu que “os dois momentos se parecem muito, nascimento e morte são feitos da mesma substância”. Todos nascemos e todos morreremos. E, ao morrer, renascemos, como mortos, na memória dos que permanecem vivos.

O filósofo André Gorz dedicou boa parte de sua vida à luta por justiça social, sempre engajado em transformar a sociedade, o mundo. Quando Dorine, sua companheira por quase 60 anos, descobriu que tinha uma grave doença, ele, André Gorz, foi forçado a olhar, frente a frente, para a ameaça de perder seu grande amor. Em *Carta a D.* – uma carta para ele mesmo, para Dorine e para todos nós – André Gorz, agora mais sozinho, mais homem que filósofo-teórico, fala do medo de perder sua amada. E confessa, de algum modo, nesta carta, que enquanto tentava transformar e melhorar o mundo, cuidou menos e de, certa forma, com ingratidão de seu “mundo”, de seu amor, de sua amada.

No final de seu desabafo, de sua carta, Gorz³¹ revela-se:

Você acabou de fazer oitenta e dois anos. Continua bela, graciosa e desejável. Faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca. Recentemente, eu me apaixonei por você mais uma vez, e sinto em mim, de novo, um vazio devorador, que só o seu corpo estreitado contra o meu pode preencher. À noite eu vejo, às vezes, a silhueta de um homem que, numa estrada vazia e numa paisagem deserta, anda atrás de um carro fúnebre. Eu sou esse homem. É você que esse carro leva. Não quero assistir à sua cremação; nem quero receber a urna com as suas cinzas. Ouço a voz de Kathleen Ferrier cantando: “*Die Welt ist leer, Ich will nicht leben mehr*”, e desperto. Eu vigio sua respiração, minha mão toca você. Nós desejaríamos não sobreviver um à morte do outro. Dissemo-nos sempre, por impossível que seja, que, se tivéssemos uma segunda vida, iríamos querer passá-la juntos.

André Gorz e Dorine se suicidaram juntos, na dor e no amor, em casa, em 22 de setembro de 2007. Não podemos garantir que André Gorz e Dorine estejam juntos em uma “segunda vida”, em uma “outra vida”. O que podemos garantir é que o amor torna mais verdadeiro, mais dolorido, mais belo e mais real: a vida e a morte.

Depois de pensar e tentar reinterpretar tantas mortes – a morte – estou ainda mais próxima da minha vida, mais próxima da interpretação que Martha Medeiros³² faz de si mesma: “Acredito piamente é na vida antes da morte. A eternidade não me consola nem me tenta. A mim basta um banho quente, um pijama limpo e dormir acreditando que amanhã tem mais”.

Amanhã tem a **Vida** que, estando eu viva ou morta, continua depois deste Posfácio...

Em todos os textos, aqui escritos, vivem diferentes personagens, alguns estão vivos, outros mortos. Mas existe um personagem principal? Existe **a grande personagem**?

“Não escrevo muito sobre a morte: na verdade ela é que escreve sobre nós – desde que nascemos vai elaborando o roteiro de nossa vida. Ela é a grande personagem, o olho que nos contempla sem dormir, a voz que nos convoca e não queremos ouvir, mas pode nos revelar muitos segredos.

O maior deles talvez seja: a morte torna a vida maravilhosa. Porque vamos morrer precisamos poder dizer hoje que amamos, fazer hoje o que desejamos tanto, abraçar hoje o filho ou o amigo, temos de ser decentes hoje, generosos hoje, felizes hoje.

A morte não nos persegue: apenas espera, pois nós é que corremos para o colo dela. Talvez o melhor de tudo é que ela nos lembra da nossa transcendência. Somos mais que corpo e sangue e compromissos, susto e ansiedade: somos mistério, o que nos torna maiores do que pensamos ser...”

Lya Luft¹

REFERÊNCIAS

PREÂMBULO:

1 MATTOS, Geraldo. **Dicionário Júnior da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2010, p. 591

2 BARBOSA, Jonei Cerqueira. **Formatos insubordinados para dissertações e teses na Educação Matemática**. In: B. S. D'Ambrosio e C. E. Lopes (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 349 [347-367].

3 Ibid., p. 358.

4 CRESWELL, John W. **Educational research : planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research**. 4ª ed. Nova York: Pearson, 2002[2012].

5 DWYER, Rachael; EMERALD, elke. Narrative Research in Practice: Navigating the Terrain. In: DWYER, Rachael; DAVIS, Ian; EMERALD, elke (eds.). **Narrative Research in Practice**. Springer, 2017, p. 1 [1-25].

6 RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 114, 2011, p. 180 [171-188].

7 Ibid., p. 179.

8 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 28.

9 A apresentação dos resultados deste estudo [um conjunto de pequenas histórias] aproxima-se da análise narrativa [propriamente dita], tomando como base a distinção citada por Amanda Rabelo e originalmente proposta por Donald E. Polkinghorne.

10 CALVINO, op. cit., p. 29.

11 LISPECTOR, Clarice. **As palavras de Clarice Lispector**. Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

12 KADARÉ, Ismail. **Uma questão de loucura**. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 36.

A MORTE ESTÁ MORTA?

1 BLOOM, Harold. Tem de ser amor à literatura e mais nada. **Ler**, n. 114, 2012, p. 52.

2 REY, Marcos. **Sozinha no mundo**. São Paulo: Ática, 1995

3 CARRASCOZA. João Anzanello. **Espinhos e Alfinetes**. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 63.

4 SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Piloto de Guerra**. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2015, p. 23.

5 Trecho da canção *Oração ao tempo*, do cantor e compositor Caetano Veloso, lançada em 1979.

6 MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios: uma seleção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 204.

7 KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 6.

8 ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 39-40.

9 Ibid., p. 84.

10 Ibid., p. 222.

11 Ibid., p. 268.

12 Ibid., p. 269.

13 Ibid., p. 274.

14 Ibid., p. 98.

15 Ibid., p. 40.

16 MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 45-46.

17 ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 8.

18 ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 253.

19 Ibid., p. 190.

20 Ibid., p. 50.

21 Ibid., p. 274.

22 KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 9-12.

23 ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 8.

24 HESSE, Hermann. **A arte dos ociosos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1973, p. 175-176.

- 25 QUINTANA, Mário. **Poesia completa – em um volume**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 231.
- 26 BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006, p. 39-40.
- 27 TORGA, Miguel. **Diário – Vols. XIII a XVI**. Alfragide: Dom Quixote, 2011, p. 319-320.
- 28 Trecho da canção *Andar com fé*, do cantor e compositor Gilberto Gil, lançada em 1982.
- 29 ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 5.
- 30 ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 269.
- 31 QUINTANA, Mário. **A vaca e o hipogrifo**. São Paulo: Globo, 2006, p. 166.
- 32 COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2003, p. 15.
- 33, 34 Os livros *Tabu do corpo* (publicado em 1979) e *Tabu da morte* (publicado em 1983) resultam, respectivamente, da dissertação de mestrado e da tese de doutorado do antropólogo José Carlos Rodrigues.
- 35 RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 56.
- 36 Informação disponível em: <www.unicef.org/angola/comunicados-de-imprensa/cada-cinco-segundos-morre-no-mundo-uma-crianca-com-menos-de-15-anos>. Acesso em 03 de julho de 2019.
- 37 KEHL, Maria Rita. **18 crônicas e mais algumas**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 31.
- 38 João Batista Jr entrevistou Cafu na edição 2659 da Revista **Veja** (ano 52, nº 45, 06 de nov. de 2019).
- 39 ALVES, Rubem. **Um mundo num grão de areia**. Campinas: Verus, 2002, p. 30.
- 40 EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 15.
- 41 LISPECTOR, Clarice. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 61-62
- 42 ALVES, Rubem. **Um mundo num grão de areia**. Campinas: Verus, 2002, p. 32.
- 43 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 90.
- 44 **EU MAIOR - entrevista com Mário Sérgio Cortella**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h8rJiQ80rXg>>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

- 45 MORAIS, Antônio Maria Araújo de. **Com vocês, Antônio Maria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 218.
- 46 MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 47.
- 47 Ibid., p. 46-47.
- 48 Trecho da canção *Boas Novas*, do cantor e compositor Cazuza, lançada em 1988.
- 49 ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 24.
- 50 AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia em contexto. 1. Do universo às células vivas**. São Paulo: Moderna, 2013, p. 56.
- 51 KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, 2005, p. 486.
- 52 JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 172.
- 53 KOVÁCS, op. cit., p. 486.
- 54 GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 28.
- 55 BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e ESPOSITO, Vitória helena Cunha (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.
- 56 BONDÍÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002, p. 25-27 [20-28]. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>>
Acesso em 21 de janeiro de 2013.
- 57 CAMUS, Albert. **A inteligência e o cadafalso e outros ensaios**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 105.
- 58 ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019, p. 42.
- 59 GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 128.
- 60 FINI, Maria Inês. **Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação que Tem a Fenomenologia como Suporte**. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e ESPOSITO, Vitória helena Cunha (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994, p. 24.
- 61 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 123.
- 62 GRIX, J. *The Foundations of Research*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

63 LEGGO, Carl; SAMESHIMA, Pauline. Startling Stories: Fiction and Reality in Education Research. In: REID, Alan D.; HART, E. Paul; PETERS, Michael A. (eds.). **A Companion to Research in Education**. Dordrecht: Springer, 2014, p. 539.

64 NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos Póstumos: 1885-1887**. Vol. VI. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2013, p. 262.

65 GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 68.

66 MONTAIGNE, Michel. de. **Os Ensaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.49.

67 BELLEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, p 11.

68 ABREU, Caio Fernando. **Caio 3 D – O essencial da década de 1990**. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 9.

69 GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 242.

PARTE I:

1 MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.48.

PARTE II:

1 FUENTES, Carlos. **A Morte de Artemio Cruz**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975, p. 37.

2 GULLAR, Ferreira. Poema recitado pelo autor em sua participação no Programa *Roda Viva* exibido em fevereiro de 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JOZIS-_Pwxo>. Acesso em 21 de março de 2021.

POSFÁCIO:

1 Trecho retirado de uma entrevista concedida por Eduardo Galeano à L&PM Editores. Disponível em:

<https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=846191>. Acesso em 19 de julho de 2021.

2 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 59.

3 SODRÉ, Muniz. **Educar para o sensível**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=10d-U7voF4A>>. Acesso em 01 de março de 2021.

4 MAETERLINCK, Maurice. **A sabedoria e o destino**. São Paulo: Editora Pensamento, 1993, p. 12.

5 Reportagem disponível na edição 2561 da Revista **Veja** (ano 50, nº 51, 20 de dez. de 2017).

- 6 KOVÁCS, Maria. Júlia. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, 2005, p. 488.
- 7 MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 47.
- 8 MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-América, 1976, p. 13.
- 9, 10 Ibid., p. 58.
- 11, 12 Ibid., p. 54.
- 13 Informação disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/existe-luto-no-reino-animal/a-19568385>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.
- 14 SINGER, Peter. **Libertação animal: O clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- 15 PINA, Manuel António. **Dito em voz alta**. Coimbra: Pé de Página Editores, 2007, p. 41.
- 16 TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro, Difel, 2012, p. 23.
- 17 CARRASCOZA, João Anzanello. **Menina escrevendo com pai**. São Paulo: Alfabeta, 2017, p. 128-129.
- 18 ALLENDE, Isabel. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 463-464.
- 19 GULLAR, Ferreira. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2008, p. 583.
- 20 KILBOURN, Brent. Fictional Theses. **Educational Researcher**, v. 28, n. 9, 1999, p. 27-28.
- 21 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 79.
- 22 Informações disponíveis em <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/11/469909-ilustrada-50-anos-1990---cancer-mata-escritor-rubem-braga.shtml>>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.
- 23 Informação disponível em: <<https://correioims.com.br/carta/nao-ceda-aos-simbolos-da-morte/>>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.
- 24 SARAMAGO, José. **O caderno**. Alfragide: Editorial Caminho, 2009, p. 116-117.
- 25 BORGES, Jorge Luis. **Elogio da sombra**. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 26.
- 26 Informação disponível em: <<https://www.google.com/search?q=mortos+mundo+covid&dq=>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2021.

27 TELLES, Lygia Fagundes. Reportagem disponível na **Revista Marie Claire**, Editora Globo, abril de 2005, p.56.

28 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 94.

29 LUFT, Lya. **O lado fatal**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 11.

30 ALLENDE, Isabel. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 465

31 GORZ, André. **Carta a D.: história de um amor**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 52.

32 MEDEIROS, Martha. **Topless**. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 64.

A GRANDE PERSONAGEM?

1 LUFT, Lya. **Secreta mirada**. São Paulo: Mandarim, 1997, p. 29.